

Reflexões Espíritas

FRONTEIRA
DIVALDO FRANCO



FRONTEIRA
DIVALDO FRANCO

REFLEXÕES ESPÍRITAS

Pelo Espírito Vianna de Carvalho

REFLEXÕES ESPÍRITAS

A revolução industrial, responsável pela mudança do comportamento ético-moral da sociedade, não alcançou o objetivo que pretendia: construir o homem poderoso, que apareceu apenas momentaneamente nos primeiros anos do século atual e logo sucumbiu.

A força que parecia possuir desagregou-se ante a prepotência e a hegemonia guerreira de alguns povos, que, mais uma vez, desencadearam as guerras lamentáveis, quanto cruéis, cujos efeitos ainda perduram no organismo coletivo da Terra sofrida.

À primeira revolução tecnológica, outras sucederam, alterando os arcabouços sociais, propondo mudanças de hábitos, revisões da filosofia de vida, até este momento, em que a Cibernética, a Robótica e a Computação passaram a governar as necessidades humanas.

As contribuições do progresso técnico não conseguiram promover a criatura, nem eliminaram os quadros da miséria econômica, social e moral, que abandonou os bolsões, onde se estabelecia, para tomar de assalto um número assustador de países que falecem ao abandono e nos quais os seus filhos morrem, incontáveis. Em alguns deles perecem crianças em total desprezo, logrando o índice alarmante de uma por minuto, e os esfaimados, enfermos e degenerados chegam a cifras inconcebíveis.

Genocídios são perpetrados por homens impiedosos e suas máquinas destruidoras quanto sofisticadas, atestando a fálência dos planos de evolução e dos programas de solidariedade antes estabelecidos.

Mudam as guerras de região e prosseguem, selvagens, com requintes de impiedade jamais concebida.

Enquanto são erguidos Organismos de proteção à criatura e ao meio ambiente, os fomentadores das calamidades bélicas e os ambiciosos argentários alteram a ecologia, destruindo a flora e a fauna marinha com inundações de petróleo, ou, voluptuosamente, as florestas e os *santuários da Natureza*, condenando as espécies vivas ao desaparecimento, ao tempo em que se impõem a mesma pena para futuro próximo.

As filosofias da loucura proclamam o gozo e a fuga à razão, ao dever de humanidade, aos princípios do amor, empurrando os jovens e os adultos aos porões das drogas alucinógenas, do sexo, dos vícios perturbadores.

Em contrapartida, as mentes desarvoradas *fomentamo* surgimento de novas doenças degenerativas de difícil controle, e algumas outras, que pareciam em extinção ressurgem ameaçando milhões de seres...

As glórias da inteligência não foram apoiadas na grandeza dos sentimentos, que continuam ainda em estágio primitivo, passando ao período das sensações brutalizadoras, sem atingir as emoções enobrecidas.

Período de trânsito, este do planeta e dos seus habitantes!

Contrapondo-se a essa calamitosa decadência dos valores humanos surge o Espiritismo, confirmando a indestrutibilidade do espírito, a prevalência do bem e da justiça, a realidade do amor e demonstrando, pela razão, o equívoco da cultura sem Deus, tresvariada que remanesce como efeito do orgulho e da insensatez dos seus corifeus.

O Espiritismo propõe uma profunda análise da Vida sob a angulação da sobrevivência ao túmulo e da reencarnação, eliminando as hipóteses respeitáveis, porém sonhadoras, dos pesquisadores que tentaram ou teimam por tudo reduzir a *heranças arquetípicas*, originadas nos mitos ancestrais de que ninguém se exime.

A imortalidade triunfa e os fatos mais robustos atestam-na em todos os segmentos da sociedade e sob os mais variados aspectos, na História, que somente a irrisão e o cinismo se recusam aprofundar, para uma posterior aceitação.

Tudo demonstra a perenidade da vida espiritual e as transformações do campo da matéria, assim como as variadas alterações incessantes na área das moléculas.

O Espiritismo afirma e demonstra que o homem e a mulher são espíritos imortais em processo de crescimento.

Quando essa realidade for incorporada ao cotidiano, modificar-se-á a paisagem terrena e a máquina volverá a ser controlada para servir aos indivíduos, e não mais estes lhe ficarão submissos. Tal convicção substituirá a filosofia de comportamento dos seres humanos, que bendirão o seu *habitat terreno*, respeitando-lhe as condições e contribuindo para melhorá-las, em harmonia com a Vida e os seus ditames.

Todos se ajudarão e os povos se darão as mãos em solidariedade, compreendendo que a felicidade de uns pertence ao conjunto, fazendo com que a guerra bata em retirada do mundo.

As propostas do Espiritismo elaborarão o homem integral, e este erguerá a sociedade justa e equilibrada que os idealistas de todos os tempos sonharam, anelaram e propuseram, em Jesus-Cristo havendo encontrado o verdadeiro pugnador e modelo.

São estas reflexões espíritas que constituem o presente livro que ora oferecemos ao público leitor.

Diversas destas páginas apareceram, oportunamente, publicadas na imprensa espírita e agora aqui comparecem, algumas com ligeiras adaptações para melhor harmonia do conjunto.

Confiamos no êxito do Espiritismo, na sua tarefa de educação e iluminação dos indivíduos.

A nossa é uma contribuição que reconhecemos ser modesta, sem grandes lances, mas que visa estimular os combatentes da boa luta, despertar alguns companheiros indiferentes, auxiliar de alguma forma o trabalho dos Benfeitores Espirituais que se empenham na realização do projeto em favor do mundo melhor, por inspiração do além e que se reencarnam também, periodicamente, para com os seus sacrifícios tornarem viáveis esses tentames dignificantes.

Confiado haver realizado o que planejamos e se encontra ao nosso alcance, convidamo-lo, caro amigo, a mergulhar o pensamento em nossas reflexões espíritas e a dar, também, a sua contribuição pessoal por menor que seja ou lhe pareça, na condição de ser inteligente na busca da glória imortal.

Salvador, 13 de maio de 1991 Vianna de Carvalho

HOMENAGEM A ALLAN KARDEC

A Europa ainda se encontrava nos estertores da destruição da ignorância lograda pela Enciclopédia e pelas propostas extraordinárias dos precursores da Revolução Francesa, que estrugiria no dia 14 de julho de 1789.

Podiam-se ouvir as vozes nobres de Voltaire, de Jean-Jacques Rousseau e as lições de sabedoria a verteram das obras dos eminentes pensadores que estabeleciam as bases da Era Nova, quando as ambições humanas propuseram a necessidade da modificação das estruturas políticas que predominaram em França, derrubando a *Casa dos Bourbons*, que cedeu lugar à Fraternidade, à Liberdade e à Igualdade, inscrevendo no *mare magnum* das paixões os *direitos humanos* que ainda permanecem desrespeitados...

Escutava-se a palavra libertadora da *Razão* e inebriavam-se os corações ante as circunstâncias novas, que pareciam destruir os teimosos bastiões do dogmatismo, degenerando em intolerâncias mais terríveis do que aquelas que se pretendiam combater.

Ensombrada, a França parecia sentir raiar um novo dia, quando as tubas guerreiras de Napoleão Bonaparte assentaram os seus arraiais em Paris, preparando-o para reunir as forças destroçadas e, sob o seu comando conduzir o País ao grandioso fínal. Inspirado pelos ideais de Mirabeau, de Danton, ele restaura os elevados anseios da Igualdade, sem conseguir fugir às injunções de seu destino histórico...

Nesse terrível momento, quando o insigne *Corso* se prepara para ser coroado Imperador dos franceses, no dia 2 de dezembro de 1804, na Catedral Gótica de Notre- Dame, a Divina Providência faz que mergulhe nas sombras da Terra o eminente Espírito de Jan Huss, que se dera em sacrifício, no século XV, em favor da libertação do Evangelho de Jesus. Reencarnando-se, em Lyon, a 3 de outubro desse ano de 1804, recebeu o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail, que trouxe a indeclinável tarefa de modificar as estruturas do conhecimento e abrir espaços para a restauração do pensamento do Cristo, conforme Ele e os Seus Discípulos o haviam vivido, dezenove séculos antes, na Palestina.

*

Quando a filosofia altera sua estrutura com Hegel, Marx e Engels, estabelecendo a desnecessidade da alma para a interpretação da vida e a compreensão do Universo; no momento em que Florens e Cuvier declaram nunca haver encontrado a alma nas centenas de *cadáveres que dissecaram-*, no instante em que Broussais, Bouillaud, zombaram da alma imortal e Moleschot, Buchner e Karl Vogt afirmam que o espírito é uma exsudação cerebral, surge AHan Kardec com a força demolidora da lógica e da razão, apoiando-se na linguagem insuperável dos fatos, para firmar a Causalidade do Universo, a preexistência da alma ao corpo e a sua

sobrevivência ao túmulo, apresentando uma ciência ímpar, resultado de laborioso trabalho de investigação fundamentada na experiência e que resistirá ao pessimismo, à perseguição e ao descrédito.

Fazendo renascer uma filosofia comportamental superior, o Professor Rivail, agora sob o pseudônimo de Allan Kardec, propõe, em *O Livro dos Espíritos*, uma ética nobre e fornece as respostas para os graves problemas da Humanidade, que não foram equacionados por Edipo, concebido na tragédia de Sófocles, interpretando a Esfinge...

Propondo, para a Humanidade, uma segura diretriz filosófica, Kardec restaura o Evangelho de Jesus que permanecia encarcerado no dogmatismo e asfixiado nos tecidos sombrios da intolerância como da superstição.

*

A Doutrina Espírita chega para iluminar as consciências humanas e propor uma revolução de amor nos corações, estabelecendo comportamentos de felicidade, quando a esperança já havia abandonado as vidas.

A morte bate, então, em retirada, cedendo lugar à Vida, que canta um hino de Imortalidade, adornando as experiências humanas, que se engrandecem e se eternizam em bênçãos de consolação e de paz.

Passados cento e oitenta e cinco anos do evento grandioso, que é a reencarnação de Allan Kardec, a Humanidade contempla, no Espiritismo, os ideais de um Mundo Novo, no qual o amor unirá todas as criaturas como verdadeiros irmãos conduzindo-os à plenitude. Os avanços da Ciência e da Tecnologia contemporânea não conseguiram alterar a estrutura da Doutrina que os ilumina, *remontando às causas*, enquanto aquelas somente explicam *os seus efeitos*.

Vanguardeiro do progresso, Kardec é o pensador e o cientista que mais penetrou a sonda da indagação no organismo das Leis, e ofereceu as extraordinárias lições morais que se derivam da Lei Natural ou de Amor, que é Universal, porque promana de Deus, o Criador.

Hoje, quando o homem alunissa com facilidade e as suas bólides espaciais saem da Terra e do Sistema Solar para tentar compreender e interpretar as origens da Vida, a Codificação Espírita permanece inamovível, num todo granítico, iluminando o pensamento e explicando a causalidade da vida e a realidade do homem.

Evocando o extraordinário Mensageiro dos Céus, no transcurso do seu aniversário natalício, nós, os Espí- ritos-espíritas que militamos nas atividades do *Consolador*, unimos nossas vozes em um coro para dizermos com os companheiros encarnados que o amam:

— Glória a ti, Allan Kardec! Aqueles que te amamos, te homenageamos e saudamos, conforme faziam os cristãos primitivos antes do holocausto em homenagem a Jesus.

(Brasília, 30 de outubro de 1989— 1^o Congresso Internacional de Espiritismo)

GRATIDAO A ALLAN KARDEC

Quando as Ciências se afirmavam e a *fé cega* cedia lugar à razão, ele soube arrancar dos fenômenos curiosos das *mesas girantes* uma doutrina integral.

Portador de sensibilidade acurada, mantendo um alto senso crítico, Allan Kardec mergulhou o bisturi da investigação no organismo da morte e estabeleceu a linha direcional para o comportamento humano responsável em torno da imortalidade.

Ele não se deteve no umbral das investigações, fascinado pelas informações espirituais que lhe chegaram. Tampouco se permitiu apaixonar, em momento nenhum, pelas conquistas enobrecedoras.

Perquiriu, com raciocínio claro, examinou com imparcialidade, investiu o tempo e a vida na busca da Verdade, para brindar a humanidade com o *Consolador* que Jesus havia prometido.

Dotado de uma óptica invulgar, soube separar as gemas dos seixos, os diamantes estelares dos pedregulhos com eles formando um colar de rara beleza para adornar a vida, tornando-a bem-aventurada.

Investindo o que havia de mais precioso no conhecimento, para que a Doutrina Espírita pudesse sobreviver à marcha do progresso, examinou os mais intrigantes problemas do comportamento humano à luz da reencarnação, oferecendo uma filosofia pragmática, alicerçada no cartesianismo, facultando no futuro enfrentar com altivez a derrocada da ética e da cultura, qual ocorre nestes dias.

Confrontou os dogmas religiosos com a realidade da Ciência, e, fazendo-os implodir, propôs a religião do amor universal tendo por fundamento as bases essenciais de todas elas, com os seus componentes confirmados pela investigação científica, do que resultou uma saudável filosofia comportamental.

Profetizou a evolução da humanidade e o papel que o Espiritismo deveria desempenhar na transformação do homem.

Advertiu todos aqueles que se adentrassem no comportamento espírita para que examinassem em profundidade a Doutrina, não se deixando embair pelas idéias fantasistas ou pelas profecias de arrastamento, sem conteúdo.

E hoje, quando o Espiritismo sensibiliza milhões de vidas, o seu Movimento parece deperecer, perdendo em qualidade o que adquire em quantidade.

Adeptos precipitados tentam enxertar conceitos supersticiosos no organismo ímpoluto da Doutrina que dispensa apêndices, permanecendo ideal conforme foi legada por Allan Kardec.

A invigilância de alguns simpatizantes procura adaptar credences ultramontanas ao texto doutrinário, para acomodar interesses imediatos e vazios, por falta de coragem para arrostar as consequências da fé na sua legitimidade.

O Espiritismo sobre põe-se-lhes, porque nenhum exotismo pode fazer parte do seu contexto.

Teimam introduzir no seu conteúdo superior práticas, que, embora respeitáveis, são do Orientalismo, não se coadunando com a tecedura da verdade de que Allan Kardec se fez intermediário consciente.

A Doutrina Espírita, não obstante, respeitando todos os comportamentos religiosos e éticos da Humanidade, permanece acima de qualquer conotação suspeita ou desfiguração nas suas bases.

O mediunismo desorganizado e sensacionalista atrai a atenção para os fenômenos corriqueiros da saúde e da fantasia, de certo modo tentando transformar o Espiritismo em uma seita de significado impreciso.

Cabe, desse modo, ao espírita consciente tolerar, mas, não ser conivente; respeitar, mas, não concordar com as tentativas de intromissão de seitas, de práticas, de credices e superstições que fizeram a glória da ignorância nas gerações passadas, poupando a Doutrina Espírita desse vandalismo injustificável, ao mesmo tempo convidando todos a uma releitura das suas bases em confronto com os avanços do conhecimento hodierno, para que se reafirme a indestrutibilidade dos seus ensinamentos, confirmados, a cada momento, pelas conquistas da razão, da tecnologia e da ciência.

O Espiritismo é a Doutrina que vem de Jesus através dos imortais, codificada pelo pensamento ímpar de Allan Kardec para assinalar a era do espírito imortal e permanecer traçando diretrizes para as gerações do futuro que nos cumpre, desde agora, preservar através de uma conduta saudável, ímpolita e compatível com os postulados que fulguram nesse colosso, que é o Espiritismo, a Doutrina libertadora dos novos tempos.

Outros estudiosos, lúcidos e sérios, empreenderam o tentame de interpretar o homem, elucidando os *mistérios* nos quais o mesmo se encontrava oculto.

Através dos tempos foram realizadas pesquisas demoradas e aprofundada a sonda de averiguação no corpo ciclópico do conhecimento, buscando-se respostas.

Livros memoráveis foram escritos, abordando o fenômeno da vida e especialmente o ser pensante, significando um passo audacioso nas interpretações valiosas.

Ninguém, no entanto, logrou penetrar tanto nas causas geradoras da vida em si mesma conforme ele o conseguiu.

Sócrates contentou-se em ouvir o seu *daimon*.

Buda mergulhou em profundo silêncio, descobrindo a felicidade íntima.

Pitágoras construiu a sua escola de sabedoria iniciática em Crotona e transmitiu a técnica do conhecimento imortalista.

Os cristãos primitivos, que se celebrizaram pela busca e dedicação à verdade, defrontaram a Espiritualidade e apaziguaram-se.

Os santos da escatologia católica, em retiros, silêncios e sacrifícios, superaram-se, abrindo espaços para futuras experiências ditosas...

Dante Alighieri vislumbrou as paisagens *post-mortem*, fazendo grandioso legado à posteridade.

Allan Kardec, entretanto, encarou com coragem os fenômenos da vida e entregou-se por inteiro ao trabalho de demitizá-la dos tabus teológicos, das superstições da ingenuidade, dos arrazoados anticientíficos, que desfrutavam de cidadania cultural.

De princípio, sem *parti pris*, investigou com absoluta serenidade as manifestações mediúnicas, demandando as suas causas e procurando compreendê-las com o escalpelo da razão, fato após fato, buscando encontrar uma linguagem universal lógica, irrecusável, eliminando todas as hipóteses que não as enfrentasse com segurança.

Identificada essa causa, verificou a qualidade moral dos agentes propiciadores e suas consequências éticas profundas.

Refundiu, ante as sucessivas evidências, as conclusões estabelecidas de começo até quando confirmadas pela demonstração experimental que lhes concedeu legitimidade.

Restituiu a Deus a dignidade perdida ante a vulgar conceituação antropomórfica que os homens lhe emprestaram e estudou as origens da vida, nos elementos, espiritual e material, constitutivos do Universo, para proclamar o mecanismo da evolução num processo constante e irreversível, através das etapas sucessivas da reencarnação que atesta a sabedoria divina e propõe a todos os seres a fatalidade da perfeição, relativa, que certamente alcançarão.

Passou pelo crivo da observação os antigos postulados religiosos e os analisou com os instrumentos de que dispunha, mediante a constante comunicação com os Espíritos, o que resultou na reformulação da idéia da morte, aniquilando em definitivo esse fantasma de que se utilizavam os fétuos das religiões e das credices para concederem bênçãos e maldições ao talante da astúcia e do suborno através dos bens precípeis.

Allan Kardec situou Jesus no seu devido lugar como “o ser mais perfeito que Deus ofereceu aos homens para servir-lhes de modelo e guia”, tomando-o o amigo e irmão mais sábio, que nos ensinou a técnica da felicidade, sem fugir, Ele mesmo, à exemplificação até o holocausto, justo e simples, mestre e companheiro de todas as criaturas.

Enquanto permaneciam os ditames impostos pela presunção dos teólogos confundindo as leis civis, transitórias, com as leis divinas, Kardec apoiou-se na lei natural — o amor — para lecionar deveres e responsabilidades iguais para todos os homens, que são os construtores do próprio destino.

Perscrutou os problemas decorrentes da “exploração do homem pelo homem” e recordou a igualdade de direitos e deveres, eliminando todo e qualquer privilégio de casta, credo, posição social e econômica, concedendo à caridade, envilecida pelo pieguismo e adulteração de finalidade, o seu verdadeiro sentido paulino e social, que propicia o socorro ao carente, de imediato, quando for o caso, promovendo-o em seguida, a fim de realizar-se na comunidade onde vive.

Abriu as portas para a investigação paranormal, pioneiro que permanece insuperado, pedagogo e psicólogo exemplar, equilibrado em todas as colocações apresentadas, que fazem de *O Livro dos Espíritos*, por ele escrito com a cooperação dos Mentores da Humanidade, uma Obra ímpar, que desafia o segundo século de publicação sem sofrer qualquer fissura no seu conteúdo, num período em que todo conhecimento sofreu contestação e alterou a face cultural da Terra.

O Livro dos Espíritos, desse modo, não é apenas a *pedra angular* sobre a qual se ergue a Doutrina Espírita, mas, também, é o tratado de robusta estrutura para orientar a Economia, a Sociologia, a Psicologia, a Embriologia, a Ética, então desvairadas, elucidando a Antropologia, a Biologia, a Fé, cujos fundamentos necessitavam da preexistência e sobrevivência do ser inteligente, que o Espiritismo comprovou e tomou acessível a todo examinador consciente e

responsável.

Assim, sem *O Livro dos Espíritos*, com seus parâmetros soberanos e esclarecedores, não existe Doutrina Espírita, tanto quanto sem Allan Kardec não existiria esse colosso granítico demarcador da Humanidade, que é *O Livro dos Espíritos*, que o porvir bendirá, tornando-se manual iluminativo para as consciências do presente e do futuro.

A FALÊNCIA DA ANTIGA FÉ RELIGIOSA

Os filósofos racionalistas dos séculos XVIII e XIX vaticinaram, pessimistas, o descrédito, a falência da fé religiosa, porque, então, era destituída da mínima estrutura de lógica para resistir às investidas do bom-senso e das conquistas científicas.

Fé lavrada na base audaciosa de decretos medievais e bulas esdrúxulas, que soterrou, por séculos a fio, as esperanças humanas da liberdade de consciência e de ação, ao tempo em que postergou as admiráveis realizações do progresso, fator inevitável no fenômeno da evolução e da destinação humana.

Submeteu a cultura à ignorância, o fato à fantasia, escravizou, matou centenas de milhares de vidas, fomentou guerras cruéis, extorquiu e amealhou tesouros fabulosos, não obstante pregando a luz, a liberdade, a vida, a paz, a pobreza, assim escarnecendo da inteligência e do inevitável imperativo da razão humana.

Tentou impedir o raciocínio e impôs-se, a ferro e fogo, a sucessivas gerações enquanto o sopro da renovação varria as suas construções opulentas e frias, que se

apresentavam indiferentes ao destino das multidões esfaimadas e desorientadas.

Formulando teses bem urdidadas sobre o *reino dos Céus*, facultava banquetear-se os seus príncipes, nobres e apaniguados no *reino da Terra*, a que sempre concedeu primazia e disputou com sofreguidão.

A partir da Reforma Protestante, e mesmo um pouco antes, com os Descobrimentos, depois com a Renascença e o dealbar dos primeiros avanços na área da Astronomia, da Física e da Química, surgiram as brechas nos seus alicerces fortes, que começaram a arrebentar-se, embora tentando silenciar as vozes que proclamavam as extraordinárias conquistas da Vida.

São irrefreáveis as leis do progresso, e o homem, destinado à glória estelar, mesmo com sacrifício, após elaborar o cárcere e as algemas da aflição, liberta-se, a pouco e pouco, avançando no rumo da sua destinação luminosa.

Sentindo o brilho da inteligência e o apelo da fé, ao invés de amparar o seu próximo, explorou-o, no passado, tripudiando sobre a sua ingenuidade, tomando-se, depois, vítima da própria agressividade.

As construções sustentadas sobre os dogmas arbitrários, e as leis injustas que formulou ruíram, cobrindo de desalento aqueles que nelas confiaram, ferindo-os fundamente.

Desmascaradas as maquinações, a realidade desponta, poderosa, e conclama o pensamento a uma revisão histórica, a uma releitura do seu acervo cultural, com discernimento científico, a fim de eliminar as superstições e *fetiches* que privilegiavam uns, em detrimento de outros.

O estridor inexorável do Conhecimento, qual cinzel insuperável que gasta o bloco de mármore frio do orgulho, nele insculpe a sabedoria e o amor, de modo a assinalarem

o novo momento da Humanidade, ávida de liberdade, de justiça, de paz, sem as sombras e os bloqueios da dominação medieval do passado.

Ainda remanescem algumas daquelas situações lamentáveis, decorrentes dos períodos infelizes, em que essa *fé cega* reinava arbitrária e soberana, como sequelas que degeneram em anarquia e descrença, violência e cinismo que ora varrem o Ocidente, considerado, equivocadamente, cristão.

Sem terem absorvido o *espírito do Cristo*, os povos • e nações que se diziam e afirmavam seguir-Lhe a Doutrina, apenas adaptaram-se à formalística religiosa, que foi estabelecida pelas Igrejas do passado, esquecendo-se totalmente da promoção e dignificação da criatura humana, da elaboração de leis justas e compatíveis com as necessidades da evolução, antes gerando guerras, extorsões e condenando as pessoas às condições mínimas de vida, sem respeito, nem liberdade, em fragorosos atentados à Vida e aos ensinamentos do Mestre.

Constatada, pelas atuais gerações, *fraude de Deus*, isto é, o artifício de usar-Lhe o nome para ocultar a hediondez e o aviltamento moral daqueles que se afirmam Seus servidores, a descrença ganhou as ruas do mundo, estimulando os vícios e a desordem geral, apregoando a decadência dos valores éticos sobre os quais a sociedade erigiu as suas edificações. Proclamou-se, então, a seguir, que o matrimônio, a família, o amor e o respeito pela vida são páginas ultrapassadas da história do homem e que somente o gozo desenfreado, o poder arbitrário, a força argentária e o sexo em desalinho, podem e devem conduzir os destinos humanos em substituição aos anteriores conteúdos morais da sociedade...

Nesse báratro, porém, surpreendendo os profetas da *Era da loucura* e da *geração sem rumo*, a dor escarnece das suas arremetidas e os conduz a paroxismos e frustrações inesperadas, tomando-os galés nas barcas

da ilusão com as quais pretendiam singrar os mares da existência corporal. Uma sensação de vazio domina-os, e o desencanto atormenta-os, sem conceder-lhes perspectivas de equilíbrio nas filosofias imediatistas do comportamento que abraçam. A onda do desespero cresce e os *modismos* sucedem-se, sem resultado, deixando-os mais pessimistas e vencidos.

A *alma*, que havia sido expulsa dos seus painéis mentais, lentamente volta a apresentar-se como indestrutível na sua realidade intrínseca, e a sua presença na vida se faz tão preponderante, que passa a ser reexaminada sob óptica nova.

A escala de valores éticos e humanos é revista, e surge uma fé estribada nos fatos, induzindo a novo e inesperado comportamento emocional e social.

Cansado da descrença, da ilusão e de si mesmo, o homem moderno indaga à ciência a respeito da própria imortalidade e recebe como resposta que esta é a única realidade inevitável, fatalista. Utilizando-se de instrumentos sensíveis, quais a mediunidade humana ligada a delicados aparelhos eletrônicos, demonstram-lhe a sobrevivência do espírito à morte corporal, e a sua destinação, que é a conquista da felicidade, da perfeição.

Diante das evidências, que suportam e vencem todas as cargas de cepticismo que se lhe opõem, a fé inata, sempre presente nos seres, irrompe, ilumina-se com os testemunhos da razão e reassume o seu papel superior na construção do homem novo e da nova sociedade.

O homem redescobre-se e constata que a sua existência na Terra não transcurre ao azar, e que há, em tudo, um fatalismo inevitável, estabelecido por Deus, que será logrado em breve, médio, ou longo prazo, conforme a opção de cada qual.

O progresso moral é impostergável, nesse conjunto

de Leis, e as aparentes defecções, quedas e recuos no quadro da civilização, constituem momentâneos estágios para consolidação das bases do pensamento, que sempre arrebenta as algemas com que a ignorância e a prepotência tentam retê-lo. Liberado, permite que os excessos do oposto se assenhoreiem das mentes antes aprisionadas, após o que retomam ao equilíbrio, à conduta saudável.

O Espiritismo, porque descomprometido com as Igrejas, os grupos políticos e os interesses sociais, objetivando o homem e seu progresso, é o portador da nova ética que é a mesma de Jesus-Cristo, porém consentânea com os tempos atuais, inaugurando a fé pela razão e o sentimento religioso através da consciência responsável e atuante, na construção do presente digno, pensando no futuro pleno.

A FALÊNCIA DO MATERIALISMO

A Europa, culta e supercivilizada, ressalvadas as naturais exceções, tentando preservar os valores do materialismo, graças ao qual reúne o conforto às utopias físicas, entroniza o “bezerro de ouro”, numa volúpia assustadora.

Os valores éticos cederam lugar à prepotência, de um lado, e ao anarquismo, de outro, por falta de estruturas morais para auxiliar o homem nos seus compreensíveis momentos de angústia.

As crises que nesta hora assolam a Terra são exatamente de reais valores, que se fazem escassos, substituídos que vêm sendo, por aparentes prevalências de dominações externas, que sobrevivem mediante pressões de vária ordem, quer de natureza política, econômica, social ou de força, mudando as estruturas do comportamento da criatura, que ora tresvaria.

As coletividades, cansadas das colocações espiritualistas incapazes de enfrentar o utilitarismo, e que se apresentam falidas nas bases, em face dos comportamentos de que dão mostras os que se encontram vinculados a tais

doutrinas, deram as costas a quaisquer possibilidades de um exame imparcial sobre a realidade imortal do ser, temendo a repetição dos erros calamitosos de que se fizeram vítimas, quer no passado mais remoto, quanto no mais próximo.

Exaltando as necessidades de uma vida descomprometida, breve, pela sua maneira de considerar, apenas, a vestidura biológica, subverteram a ordem das coisas, entregando-se ao egoísmo com exacerbação das sensações mais grosseiras, em que se exaurem e desconcertam.

Como consequência primeira, a dissolução da família atinge estado jamais igualado, em que pais se apresentam como impedimentos e desagradados para filhos irresponsáveis, ávidos de prazeres; e em que os filhos constituem carga pesada e desconcertante para pais atormentados e sequiosos de aproveitamento do tempo, tendo em vista as próprias dissipações...

A indiferença pela educação, no lar, gera o abismo entre genitores e prole, que aguardam com ansiedade o momento de libertarem-se uns dos outros, vivendo cada um a sua própria vida, até que a dor, silenciosa e pertinaz, fale-lhes ao coração empedernido sobre a excelência da afetividade e a bênção do amor, que malbarataram e de que ora sofrem inqualificável carência.

Em tal comportamento humano e social, a criatura destrói os sentimentos mais profundos e os substitui por infelizes jogos de interesses, nos quais o próximo significa o que vale em prazer, o que oferece como lucro.

As uniões são rápidas e frustrantes; as amizades fúgazes e inconsequentes; as ambições utópicas e materiais.

Como efeito seguinte, cada qual faz-se mais exigente e áspero para com o outro, e mais tolerante para consigo mesmo, dando origem a comportamentos agressivos,

violentos, com ou sem pretexto, atribuindo-se merecimentos e direitos que a ninguém outorga.

As atitudes tomam-se extravagantes, e o exibicionismo de toda ordem substitui a discrição, a autoridade moral, o equilíbrio; o escândalo assume proporções de cidadania até o ponto de não mais chocar, e o desinteresse pela vida, como patrimônio de que todos se fazem beneficiários e de que terão que dar conta, transforma-se em manifestação de superioridade de quem assim age.

Por fim, indivíduos e comunidades neurotizam-se, resolvendo pela violência tudo quanto os incomoda, sem se preocuparem, ao menos, por tentativas de diálogo e de entendimento.

Traições, sequestros, chantagens, roubos, suicídios e homicídios cruéis dão-se as mãos e tomam conta das megalópolis terrenas, ganhando manchetes sensacionalistas, que os promovem, adentrando-se pelos lares, através das comunicações de toda classe, atemorizando a uns, enquanto a outros exaltando.

Bandidos tomam-se heróis, imitados por longa faixa da juventude aturdida, e crimes aparvalhantes são comemorados por chefes de Estados, igualmente alucinados, vítimas, em potencial, de grupos outros que lhes são contrários...

...A guerra, então, parece inevitável, desde que, belicoso, o homem está guerreando a si mesmo e ao seu irmão, no lar, no trabalho, na rua, e as comunidades mais fortes, na larga exploração das mais fracas, perdem o pudor e justificam os seus atos, que são defendidos por outros tantos semelhantes.

São os frutos, amargos uns e podres outros, do materialismo ateu, da fêlência da verdadeira cultura, que se desviou da rota da sabedoria, para transformar-se em intelectualismo vaidoso e tecnicismo utilitarista, mercantilizado.

O homem moderno tem medo. Porque teme, agride, enclausurado no “eu”. Cansado das utopias que elege, procura evasões que o levam a *corredores escuros* e sem saídas.

Apesar de tudo isto, nas sombras que se adensam sobre a Humanidade luz a compassiva promessa de Jesus a respeito do futuro, fulgurando na imortalidade em triunfo, de que ninguém se exime, e que, a pouco e pouco, fortalece os pilotes da crença espiritual cambaleante, soerguendo o edifício da civilização e lançando as seguras diretrizes para o reequilíbrio da criatura ante si mesma, o seu próximo, a vida e Deus.

Essa ingente e colossal tarefa, quase não percebida pelos que estão anestesiados na ilusão do momento, cabe ao Espiritismo, que apresenta as características do Consolador e cumpre as determinações sancionadas por Jesus. Pouco importa a dimensão da faina que todos devemos desenvolver. Desde a mais modesta à mais expressiva, a tarefa de esclarecer os homens e orientá-los, sem medo nem tergiversações, é emergente, dando prosseguimento ao ministério iniciado, por Allan Kardec, que se propagará como centelha crepitante em combustível que a aguarda, para dar-se o grande amanhecer moral e espiritual para onde marchamos, nosso futuro próximo e libertador.

TECNOLOGIA E PSICONÁUTICA

A adoção de uma filosofia existencial sem nenhum suporte espiritualista responde por inúmeros desastros humanos.

Queira-se ou não, cada pessoa possui, consciente ou inconscientemente, um comportamento filosófico que se expressa no seu modo de ser, de viver, nos interesses aos quais se subordina, nas aspirações que persegue, nas reações que expressa.

Mesmo quem se diga entregue à indiferença pelo que lhe aconteça, assume uma corrente ideológica que lhe caracteriza a posição pensante.

Imediatistas-utilitaristas, reacionários-dialéticos, pessimistas, negadores por sistema ou por acomodação, cepticistas, cínicos, gozadores, padecem de hipertrofia do sentimento, caminhando sem dar-se conta ou propositadamente para a alienação ou para o suicídio, por não encontrarem as finalidades básicas e enobrecedoras da vida, que lhes pesa como um fardo desagradável, esmagador..

O Espiritualismo é a fonte do ideal no qual se haurem valores e recursos para uma existência feliz, oferecendo metas para as lutas adquirirem sentido e os acontecimentos subordinarem-se às lógicas confortadoras, que estruturam as resistências morais do homem para os inevitáveis enfrentamentos da evolução de que não se pode eximir.

Situar, no corpo, o mecanismo e o fatalismo da vida é uma forma de *miopia* psíquica, impeditiva da visão legítima do processo transcendente que a todos comanda, impelindo-nos para os altiplanos da realidade insuperável.

A vida física, não obstante os tesouros da inteligência e do sentimento, e por isto mesmo, se não obedecesse a uma programação que antecede ao berço e que prossegue além do túmulo, seria destituída de sentido e de significado.

Este breve espaço de tempo entre o começo e o fim do corpo, na dimensão da eternidade, não seria mais do que uma aberração cósmica, gerando o discernimento e a emoção, no formidando laboratório da natureza, mediante leis absurdas do acaso para, de imediato, a tudo aniquilar, reduzindo ao caos dos princípios.

Colocação dessa natureza atenta contra a inteligência, que sabe procederem os efeitos de causas equivalentes, não podendo o caos gerar a ordem, nem o acaso o equilíbrio matemático e harmônico das galáxias, como das moléculas que constituem as formas vivas em complexos mecanismos, ou as aglutinações

inanimadas que se subordinam a transformações e mutações numa escala de, até este momento, impenetráveis combinações...

O movimento puisante do Universo, ínsito em todas as expressões vibratórias, resulta de um *poder pensante* que o elaborou através de perfeita programação, com finalidade adrede estabelecida.

Atavicamente, porém, amarrado à aceitação ou negativa do componente espiritual — fator precípua da organização humana — o homem não se permitiu incursionar pelos labirintos internos da personalidade, do próprio ser, de modo a desvendar-se encontrando os *fundamentos psíquicos* estruturais, nos quais se apóia a forma física.

Por necessidades imediatas pôs-se a excursionar, descuidado do mundo íntimo, esquecido dos valores éticos, que lhe interessavam quando legalmente aplicados, sem o componente sentido moral que os vitaliza. Como consequência, conquistou terras, apossou-se de recursos transitórios, venceu óbices climatéricos e geológicos, escravizou pessoas, mas não se conquistou a si mesmo.

Lentamente venceu as distâncias físicas—emocionalmente longe de si próprio e do seu próximo — encurtou os espaços, saiu da Terra, deambulou pela Lua e retomou, esvaziado de sentido e significado para a vida... , .

O *ônibus espacial Colúmbia* volveu à Terra sob aplausos que, no entanto, não abafaram o pranto dos órfãos e das viúvas de guerra, dos mutilados nem dos doentes, dos alienados ou dos famintos, nem os astronautas encontraram o equilíbrio entre os violentos, os delinquentes, os necessitados, os discriminados, os infelizes... Sofisticados computadores de precisão os trouxeram de volta ao campo terreno, quase sem perigo e com alto índice de segurança—que já não se conseguem fluir nas mas das cidades, nas sociedades ou nos lares, cada dia transformados em fortalezas para se impedirem assaltos, agressões, latrocínios...

Muitas conquistas e poucas realizações libertadoras, são o saldo destes dias.

O homem prossegue, entretanto, na condição de enigma que necessita ser desvendado.

A chave, todavia, para decifrá-lo, está nele mesmo,

no seu mundo íntimo, aguardando-o, quando, cansado das excursões, encoraje-se a proceder à inevitável viagem interna, ao aprofundamento interior.

A Ciência Nuclear, através das eminentes autoridades que investigam a matéria, reconhece que a mesma é apenas “uma pequena porção da realidade” no campo imenso da energia ainda indevassada, sendo, o visível, modesta condensação reveladora do invisível.

Os logros da Ciência e da Tecnologia que, aparentemente, negaram a alma e a vida espiritual, quando, em verdade apenas desmitificaram os enxertos e superstições que as encobriam, foram, atualmente, a partir de Hertz com o descobrimento das oscilações eletromagnéticas, de Crookes com a matéria radiante, de Röntgen com os raios de *natureza desconhecida*, alcançando, em largos passos, a declaração de Einstein a respeito das imensas energias contidas pela matéria, e trazendo o pensamento de volta ao espírito, embora sob outras denominações.

Os milagres técnicos superam os sonhos da ciência-ficção, sem resolverem os dramas da emoção humana.

Ao lado de todas essas conquistas, repentinamente, o Espiritualismo emergiu como resposta aos intrigantes problemas e questões que a mente começou a suscitar, insatisfeita com as realizações externas, que os não aclaravam satisfatoriamente.

O sentido e a finalidade da vida passam a ser o Espírito imortal.

Suporte seguro para o Espiritualismo moderno é a Doutrina Espírita, pelo empenho científico a que se afêrvora por demonstrar a realidade do princípio espiritual, sua origem, seu crescimento, seus labores, seu destino...

O Espiritismo é substituto das técnicas das viagens exteriores — valiosas, sem qualquer dúvida, mas não

únicas — oferecendo os preciosos recursos para as conquistas imprescindíveis, as mais importantes, que se encontram através da *Psiconáutica*, de que se fez pioneiro desde Allan Kardec.

Trabalhando com os mecanismos internos, a Psiconáutica utilizará os engenhos da técnica, que confirmam as incontroversas nascentes da vida, que se encontram no Mundo da energia ou realidade do espírito.

A natureza é muito mais do que os singelos conceitos de espaço e tempo, matéria e *casualidade*, possuindo expressões independentes, que as alteram e as transformam.

Na gênese da vida, portanto, encontra-se o Espírito, e somente pelo seu conhecimento, e vivência das leis que alimentam o mundo causal-espiritual, o homem se encontrará consigo mesmo e será feliz, na experiência existencial da filosofia espírita.

VITÓRIA DA LUZ

Cai a noite!

Desabam sobre a Terra as forças ignotas da Natureza, numa formidanda resposta ao tresvario que domina as mentes exacerbadas pela soberba, no apogeu do orgulho tecnológico.

Enlouquecido, o homem *desafia* Deus, ameaçando o planeta com a “guerra nas estrelas”, num atentado à inteligência e à civilização.

O abuso e o desregramento ético atingem índices relevantes, somente superados pela virulência da agressividade em desabalada correria nas mãos da violência.

O caos se estabelece, em inumeráveis áreas do Orbe, vencido pela poluição que decorre da desorganização emocional do homem.

O medo abraça o desespero, e tem-se a impressão de que se aproxima o fim...

Sem dúvida, que se aproxima o fim das paixões dissolventes, das dominações arbitrárias, da alienação

pelo poder e da sementeira do ódio...

A barca terrestre não navega à matroca nos rios do Infinito.

Jesus a comanda e a governa, acompanhando esse processo esperado, que antecipa a hora da paz e do “reino de Deus”, que Ele veio implantar desde há dois mil anos.

Mesmo nas sombras que teimam, momentaneamente, por vencer as esperanças, lucilam claridades benditas, mantendo os pontos de contato com Ele que é o nosso Astro-Rei.

Missionários do amor e da abnegação, da ciência santificada e da beleza encontram-se na Terra, abrindo clareiras e formulando propostas de renovação em favor da felicidade geral. ^

Não tarda o momento da paz, que já se inicia, durante esse recrudescer das lutas travadas.

Homens da Terra:

Parai e meditai a respeito da função superior da vida inteligente no Orbe!

Não engrosseis as fileiras do ódio, nem tomeis parte na enxurrada da viciação.

Sede fortes no bem que o Cristo nos legou, formando uma reação pacífica e decidida contra o mal.

Erguei a paz como vossa meta, e o amor, tomai-o o meio de alcançá-la.

Abri-vos à grande luz e não temais.

Vossos anseios são conhecidos e vossas rogativas têm sido ouvidas.

Não suponhais que a resposta demore de chegar, porquanto já está a caminho.

Considerai a necessidade da renovação e pugnai por ela abraçados à caridade e à compaixão para com

todos — especialmente os que ainda teimam em perturbar a marcha do progresso — permanecendo resolutos nos vossos ideais de enobrecimento e ã.

Sede os obreiros do amanhã, que saís a semear desde hoje, e, vinculados ao Cristo, ponde a esperança nos corações, irradiando o otimismo da alegria de viver, certos da vitória que já não tarda.

O FATO E A ÉTICA

Nas acirradas discussões sobre a problemática da Ciência em relação à Religião, sempre se ressalta a excelência da primeira, em detrimento da outra.

E verdade que as descobertas científicas ampliaram os horizontes do Universo, ensejando a compreensão das Leis do Macrocosmo, tanto quanto da vida infinitesimal...

Da mesma forma, são debitados, às diversas correntes religiosas, inumeráveis horrores, guerras de extermínio que se celebrizaram pela impiedade, assinaladas pelo fanatismo ilógico, que responde por genocídios e aberrações que repugnam a razão e a consciência.

Todavia, convenhamos, o assunto exige mais cuidadosa análise, a fim de que se possa entender o drama que deflui de ambas.

De certa forma, a evolução do conhecimento científico pode ser denominada como a história dos seus equívocos. De experiência em experiência, de hipótese em hipótese, como resultado das interpretações erradas dos fatos, a última palavra da pesquisa, normalmente, é-lhe a penúltima informação, salvo valiosas exceções que, aliás, confirmam a regra geral.

O que, em um período, constitui fato comprovado em laboratório, logo depois pode ser demonstrado de forma não conclusiva ou de significação diferente — quando não se torna a confirmação de uma experiência empírica, aplicada por inúmeras gerações — que passou a merecer análise e recebeu formulação apropriada pela técnica.

De passo em passo, nem sempre firme, têm sido assentadas as bases do conhecimento, ora confirmando informações pretéritas, noutras vezes negando-as.

Igualmente, apoiadas no amor, as Religiões se ensoberbecem e passam de perseguidas a perseguidoras, pregando o “reino dos Céus”, com os pés muito bem plantados nos inexpressivos tesouros e vanglorias terrenas.

A medida que adquirem estabilidade nos corações, alargam os seus anseios pela política mundana e passam a comandar destinos, quando a sua finalidade é iluminar consciências e consolar sentimentos.

Reagindo às arbitrariedades de que foi no passado, vítima das Religiões, a Ciência emergiu dos porões, apoiou-se na lógica e no fato, tombando, porém, no mesmo equívoco da Fé, por adotar a ditadura da Razão, e, embriagando-se de orgulho, passou a opinar com expressões definitivas nas áreas que não

pesquisou, especialmente nas do Espírito, em reação preconceituosa, infantil, cometendo erros semelhantes àqueles aos quais se opunha...

Ademais, convém ressaltar que a Ciência é neutra em si mesma, aberta a novas informações e enfoques, sendo, as opiniões, dos cientistas e não dela.

A Religião, de modo idêntico, propugna pelo homem livre, feliz, amoroso, enquanto os religiosos encarceram,

constrangem, infelicitam e matam quantos se lhes opõem, desde que as circunstâncias assim o permitam.

Desta forma, não há como negar: há cientistas e há Ciência, que diferem, assim como religiosos e *Religião*, que se encontram distantes, pelos postulados que esta preconiza e pela vivência a que aqueles se entregam.

Naturalmente, vão -se diluindo as barreiras separatistas, à medida que o cientista adquire uma ética-moral de comportamento e o religioso se impregna de fraternidade, identificando a fragilidade, bem como a ignorância em outras áreas, fora da sua convivência doutrinária.

A Religião, todavia, impõe, com o seu conhecimento, a reforma moral do homem, que a deve alterar para melhor, enquanto à Ciência não é fundamental a vivência elevada, no que diz respeito à conduta do seu pesquisador.

O físico penetra na partícula, compreende-lhe a constituição e, não obstante, pode prosseguir mau cidadão, agressivo ou venal.

O religioso, que se deixa penetrar pela fé, de imediato vê-se levado à alteração de procedimento, mesmo que sinal exterior algum se apresente, chamando à atenção.

Imaginando-se um círculo, o conhecimento da Ciência parte da periferia para o centro, enquanto a visão cósmica da fé, abrangente, origina-se no centro e se aproxima da periferia, na qual está a radical transformação moral do homem.

Com o Espiritismo, o litígio entre as duas Doutrinas desaparece, em razão da contribuição que o fato concede à fé, irrigando-a de força e coragem para os desafios e as vicissitudes, enquanto o calor da confiança religiosa favorece, à pesquisa, a paz e o alento para o prosseguimento incessante na busca de novas fontes de informação e luz.

A Religião concederá à Ciência, através dos postulados espíritas, um saudável código de ética, para que se faça o que seja moral com fundamento na realidade do Espírito e não o que seja válido, embora em detrimento da Vida.

Crimes hediondos, ora perpetrados, como o aborto, a eutanásia, a pressa pela morte do paciente para a retirada de órgãos para transplantes, as experiências de guerras químicas e biológicas, o infanticídio para o aproveitamento de elementos úteis para outras vidas — tudo a soldo de altos estipêndios financeiros — serão, mais tarde, parte da história que a cultura irá superar.

As experiências genéticas aberrantes, a poluição do planeta, o armamento sofisticado, também serão eticamente controlados, porque o homem terá que ser

poupado e, com ele, a Natureza e tudo quanto nela vive.

A Ciência, iluminada pela Religião Espírita, comandará o cérebro, e esta, sob as luzes dos fatos, guiará o amor com segurança, trabalhando juntas pela felicidade das criaturas, que não tardará, porquanto, chega, já, o momento da renovação da terra que a ambas cumpre realizar.

CIÊNCIA E ESPIRITISMO

A Ciência, vencendo os tabus e os atavismos da ignorância, vem desvendando os *mistérios* da Natureza e desvelando as leis que engrandecem a vida.

O Espiritismo, rompendo os véus do preconceito e das superstições, penetra no âmago das questões intrincadas do existir, revelando o mundo causal e invisível de onde procede e para onde retoma a vida real.

A Ciência, colocando as suas sondas e lâminas no macro como no microcosmo, interpreta os enigmas da criação e explica os fenômenos da vida organizada na Terra.

O Espiritismo, trabalhando com as forças parafísicas do ser, desdobra para o homem a ética-moral de comportamento que o conduz à felicidade mediante a correta utilização dos recursos que lhe estão à disposição.

A Ciência prolongou a vida humana, modificou a paisagem do planeta, propiciou comodidades, fêz altos vôos para a inteligência e para a imaginação.

O Espiritismo demonstrou que a longevidade física, por mais larga, é sempre breve ante a eternidade do ser

espiritual, trabalhando o homem para usar as conquistas da tecnologia sem perder ou menosprezar os títulos da dignidade e do amor.

No auge das incursões da Ciência no embelezamento da vida e explicação das leis universais, Chalemel Lacour exclamou: — “Ciência e razão, eis os meus deuses”, provocando, na Academia de Letras de Paris, vivos aplausos por parte dos utopistas e gozadores.

Logo depois, no mesmo recinto, Francis Chalmers, após reflexões profundas, afirmou:—“Não conheço um só exemplo que comprove o êxito da ciência enxugando as lágrimas que nascem no coração.”

A Ciência, sem o suporte da fé religiosa, que se estriba no fato e na razão, perde-se em devaneios, detectando os efeitos que não bastam para explicar a realidade dos fenômenos.

Negando a Deus, a Causa Fundamental, não logra preencher o vazio da emoção, nem enxugar as *lágrimas do coração*.

Certamente que anestesia a dor, corrige imperfeições, elucida problemas, no entanto não consola o amor que se sente frustrado ante a ingratidão, o crime, a saudade de quem se transferiu do corpo para a Vida.. Nem consegue equacionar os dramas do sentimento, da afetividade, as aptidões e tendências dos destinos humanos...

O Espiritismo é o elo de segurança entre a ciência e a religião, a fé e a razão, a virtude e a ação.

Aprofundando-se nas origens da própria vida, o Espiritismo demonstra a lógica de existir, no processo de evolução e interpreta todos os problemas que se demoram como incógnitas, sem fugir à razão nem ao bom-senso, antes baseando-se nestes, erigindo o edifício do saber com os alicerces do conhecimento e a argamassa da fé.

Eis por que a Ciência, sem a Religião, frustra os altos ideais do homem e a Religião, sem a Ciência como suporte, não passa de pretexto para o fanatismo, que não se justifica e sequer suporta as experiências dolorosas da própria vida.

A VIDA CAUSAL

Causam estranheza, muitas vezes, as afirmativas sobre a vida espiritual, dentro da óptica de realidades antes somente atribuídas à movimentação terrestre.

Quando os Espíritos nos reportamos a cidades e colônias, vegetação e clima, veículos e estudos, escola e *campus* universitários no mais além, são inúmeras as pessoas que creditam os informes à imaginação exaltada dos médiuns ou à mediocridade cultural dos desencarnados. Preferem a negativa, mantendo uma atitude mental céptica, quando não zombeteira...

Aceitam a realidade física na condição de única e legítima, sem se darem conta de como deve ser a vida além das vibrações orgânicas do campo material.

Antes, admitiam o céu e o inferno como lugares estanques, dimensionados e localizados conforme as tradições teológicas. Liberando-se da crença ancestral e ortodoxa, refugiaram-se em infundada suspeita que mais facilmente nega o que desconhece, em mecanismo inconsciente de fuga irracional.

Não obstante, multiplicam-se os campos vibratórios na Terra e em sua volta, onde a vida estua dentro de

condições próprias, das quais, a conhecida no mundo é sua cópia imperfeita. Certamente que, na mesma proporção, nas faixas inferiores as construções são pálidas, primitivas amostragens do que hoje fui a sociedade tecnológica.

Tomando-se a vida espiritual como sendo a primeira, portanto, a causal, a terrena é inevitável decorrência materializada por aqueles que procedem do *país* de origem trazendo reminiscências e evocando as paisagens de onde vieram.

Em toda parte a mente é o fator propiciatório para qualquer realização. Antes da ação, vibra a idéia que programa e plasma.

O campo mental delinea e constrói tudo quanto mais tarde se corporifica no mundo das formas.

Da mesma maneira, fora do corpo, o espírito age condensando a energia, que assume expressão *material*, sem dúvida mais tênue do que aquela que fere os sentidos sensoriais.

Considere-se, ao mesmo tempo, que o moderno conceito sobre a matéria molda-a ao capricho dos átomos, por sua vez, partículas de energia condensada, independentes e circunscritas aos campos vibratórios e de força nos quais se movimentam.

Face a essa condição da matéria, a energia é o elemento causai no qual se manifesta a vida e se modelam todas as expressões que se aglutinam na área das formas.

A morte, em liberando o ser espiritual dos limites do corpo físico, devolve-lhe a capacidade de movimentação na zona das ondas com as quais sintoniza, graças às conquistas intelecto-morais que o sutilizam, ou sobrecarregam de vibrações propiciatórias para a sua vinculação.

Existem, portanto, cidades e conglomerados humanos — que variam como as conquistas morais e espirituais dos homens desencarnados — nas múltiplas esferas que circundam a Terra ou que lhe são próximas.

A vida que prossegue, impõe programas e disciplinas de educação, objetivando o futuro do ser espiritual, que tomará à reencarnação, promovendo-se, reparando males, proporcionando o progresso do seu próximo e da própria mãe-Terra, em seu processo de evolução.

De acordo com as conquistas ou atentados realizados, o espírito permanece vinculado à dinâmica a que se acostumou, ascendendo em experiências superiores, ou estagiando em redutos de dor reparadora e de sofrimento liberativo.

São incontáveis as estâncias de luz e paz, nas quais o trabalho individual e comunitário se desenvolve, e onde se inspiram os habitantes do mundo, recambiados em parcial desdobraimento, pelo sono, para aprendizados; de onde partem os missionários do amor e do conhecimento conduzindo os recursos para favorecer a vida terrena; em cujos educandários e oficinas de estudos são ministrados cursos, e realizadas experiências de combate ao erro, à dor e às calamidades que um dia se materializarão na Terra, em forma de bênçãos para os homens que se demoram na retaguarda...

Igualmente, são inumeráveis os recintos de refazimento pela aflição e de despertar para a responsabilidade, sob o guante de inomináveis processos reeducativos.

Afirmando com extraordinária sabedoria essa realidade, elucidou Jesus que “na casa do Pai há muitas moradas”, aludindo à presença da vida em muitos pontos do Sistema Solar e fora dele, como também a esses núcleos de vida espiritual, nos quais estagiam os apóstolos do bem, profetas e santos que ali vão periódica e frequentemente, qual o acontecimento narrado pelo apóstolo Paulo, quando foi “arreatado até ao terceiro

REVELAÇÕES FANTASIOSAS

O desenvolvimento intelecto-moral do homem faz-se lentamente, atravessando períodos delicados na área psicológica, que deixam marcas demoradas nos temperamentos de formação frágil.

Graças a isso, não obstante as conquistas tecnológicas da atualidade, permanece expressivo número de indivíduos com arcabouço infantil, experimentando insegurança e terríveis temores.

Apresentando, às vezes, avantajada estrutura física e demonstrando inegável tirocínio racional, debatem-se em estados conflitivos de desequilíbrio, que os levam a neuroses perturbadoras e a distonias de vária ordem.

Alarga-se neles o período infantil, e, apesar da maturidade orgânica nos variados processos da idade cronológica, prosseguem cultivando os mitos que os embalaram ou perturbaram naquela fase.

Aspiram por uma existência ideal, sem confrontos ideológicos, sem aflições, e propõem relacionamentos perfeitos por parte dos outros, a si próprios justificando as debilidades e limitações. Tomam-se, deste modo, de difícil trato, no inter-relacionamento social, malogrando nas uniões conjugais e fúgindo às responsabilidades familiares.

Aparentemente se apresentam lúcidos e bem-postos, nas chamadas classes mais elevadas, sem que difiram dos mais simples e necessitados, nos seus temores, conflitos e complexos.

Diante dos desafios que propõem o crescimento íntimo, complicam a própria atividade e derrapam nas depressões ou fogem para a agressividade da violência, em cujos mecanismos, consciente ou inconscientemente, escondem a timidez, os medos, a fraqueza moral.

Convidados à fé religiosa, apegam-se aos mitos, que vitalizam, repetindo as fantasias da infância. E quando a lógica lhes demonstra o desvalor desse ativismo, dizem-se cépticos, indiferentes... No entanto, permanecem vulneráveis ao fantástico, ao fantasioso, ao milagreiro, ao aterrador, adotando crenças extravagantes na área das revelações espirituais. Preferem as informações atemorizantes, as profecias de horror e destruição, os intercâmbios com seres intergaláticos, assim transmudando os conflitos em auto-afirmação, concedendo-se os privilégios de haverem sido escolhidos, selecionados para o conhecimento de *verdades* que os outros não têm mérito para conhecer e privar.

São nomeados missionários, eleitos, seres superiores encarregados da preparação da Era Nova, os que serão poupados às terríveis calamidades, devendo ficar no corpo e ser transferidos para a quarta ou outra dimensão qualquer, para círculos vibratórios elevados, na frágil forma física.

Morrer, apavora-os. Querem a imortalidade material.

Deixam transparecer que a morte biológica é uma desgraça e que a organização terrena deve ser poupada a qualquer preço, recomendando alimentação especial,

providências para uma conduta original, enquanto se utilizam do verbo amar como chave mágica, para facultar a solução de todos os problemas...

Sem dúvida, o amor é a solução, conforme o propôs Jesus, no entanto sem exotismo, sem especificidades de prerrogativas perniciosas.

A morte ou transformação carnal é inevitável, e a mudança do ser, em trânsito pelas faixas vibratórias da evolução, será sempre no campo espiritual da energia e não da forma perecível, *construída* para o período correspondente às necessidades da reencarnação.

A prevalência de larga faixa da humanidade no período infantil tem permitido que mentes inquietas, sob condução infeliz de espíritos perversos ou frívolos, aflijam e atemorizem com frequência os insensatos, os crédulos e os presunçosos com profecias macabras de destruição do planeta, de aniquilamento da vida sob devastações nucleares ou sísmicas...

A insânia do homem pode levá-lo a uma ação alucinada, utilizando-se do ignoto poder que a inteligência lhe facultou, na área da tecnologia sem ética, porém a vida é imperecível, a Criação é de sabor eterno e o bem é a meta final.

Consolando os corações com a esperança e a certeza da vitória, quanto iluminando as mentes através do conhecimento, o Espiritismo vem conclamar todos os homens ao raciocínio, à fé que se fundamenta nos fatos e *enfrenta a razão em todas as épocas*, permanecendo inalteráveis os seus postulados. Facultando o progresso — que estimula pelo trabalho constante — alarga a capacidade do entendimento fraternal, e, libertando da ignorância das Leis da Vida, toma o homem otimista e saudável, emulando-o à conquista dos valores espirituais. Grato à Terra — sua mãe — auxilia-a e embeleza-a, ajudando-a a ascender na escala dos mundos sem utópicas

aspirações imediatas de alcançar as galáxias remotas, esses ninhos e pousos da Eternidade, que nos contemplam no Infinito.

Unam-se os homens de fé e rompam as cadeias do período infantil e mítico, e trabalhem pelo mundo melhor, que podem iniciar, desenvolver e promover, esparzindo a luz da alegria, as bênçãos da felicidade, e, vivendo em amor como verdadeiros irmãos que são, ajudem-se reciprocamente, fiéis ao dever da caridade, evitando os exotismos, originalidades e comportamentos especiais, absurdos.

Jesus é o Governador da Terra e o Seu é o comando da sabedoria, no qual, o amor e o conhecimento se completam a benefício dos seus habitantes.

PLANETA INTERMEDIÁRIO

Dentre as objeções apresentadas contra a reencarnação, frequentemente é referida a questão populacional do planeta, que aumenta geometricamente, parecendo dar margem a paradoxos, desde que seriam os mesmos, os espíritos, no contínuo fluxo do ir-e-vir.

Esquecem-se tais opositores que a Criação é infinita, e não estanque, prosseguindo o Poder Gerador a criar sempre e incessantemente. Outrossim, da mesma maneira que as migrações, no Orbe, fazem-se continuamente, transferindo-se pessoas de uma para outra região do país, ou de um para outro continente, ocorre, com assiduidade, fenômeno equivalente com os habitantes espirituais de outros mundos, que emigram, objetivando ajudar o progresso do planeta no qual se hospedam, ou atendendo a impositivos da evolução, em mecanismos reparadores de culpas e erros.

O mesmo sucede aos terrícolas que, vez por outra, são encaminhados a *outras moradas* onde adquirem experiências e conhecimentos se se tratam de *lares* mais elevados, ou são conduzidos a esferas mais primitivas, nas quais se depuram e reequilibram.

aspirações imediatas de alcançar as galáxias remotas, esses ninhos e pousos da Eternidade, que nos contemplam no Infinito.

Unam-se os homens de fé e rompam as cadeias do período infantil e mítico, e trabalhem pelo mundo melhor, que podem iniciar, desenvolver e promover, esparzindo a luz da alegria, as bênçãos da felicidade, e, vivendo em amor como verdadeiros irmãos que são, ajudem-se reciprocamente, fiéis ao dever da caridade, evitando os exotismos, originalidades e comportamentos especiais, absurdos.

Jesus é o Governador da Terra e o Seu é o comando da sabedoria, no qual, o amor e o conhecimento se completam a benefício dos seus habitantes.

PLANETA INTERMEDIÁRIO

Dentre as objeções apresentadas contra a reencarnação, frequentemente é referida a questão populacional do planeta, que aumenta geometricamente, parecendo dar margem a paradoxos, desde que seriam os mesmos, os espíritos, no contínuo fluxo do ir-e-vir.

Esquecem-se tais opositores que a Criação é infinita, e não estanque, prosseguindo o Poder Gerador a criar sempre e incessantemente. Outrossim, da mesma maneira que as migrações, no Orbe, fazem-se continuamente, transferindo-se pessoas de uma para outra região do país, ou de um para outro continente, ocorre, com assiduidade, fenômeno equivalente com os habitantes espirituais de outros mundos, que emigram, objetivando ajudar o progresso do planeta no qual se hospedam, ou atendendo a impositivos da evolução, em mecanismos reparadores de culpas e erros.

O mesmo sucede aos terrícolas que, vez por outra, são encaminhados a *outras moradas* onde adquirem experiências e conhecimentos se se tratam de *lares* mais elevados, ou são conduzidos a esferas mais primitivas, nas quais se depuram e reequilibram.

As leis de Deus vigera em toda parte e são iguais para todos.

Como o progresso é contínuo, os mundos que gravitam nos espaços siderais constituem escolas de variada finalidade, no concerto universal da Divina Sabedoria.

Esse mecanismo é igualmente usado na Terra, no que se refere à aprendizagem, em qualquer área da educação. Desde os graus mais elementares até os cursos mais complexos, há uma escala ascendente que se estende por várias Escolas com finalidades específicas, que fazem parte do arquipélago universitário.

Aprendiz constante, o espírito submerge e emerge no processo corporal, vivenciando experiências que o capacitarão para a felicidade posterior.

Sendo a Terra um planeta de provações, os espíritos que nela habitam encontram-se em processo de evolução, capacitando-se para grandiosos passos, que se prolongarão por outras Esferas mais ditosas, quando aqui encerrado o ciclo, ou seguindo-a, ao se tomar educandário de regeneração, iniciando pma fase de amplas bênçãos.

Outrossim, recebe o nosso planeta-mãe hóspedes espirituais de diversas classes, que aqui se reeducam, quando indisciplinados, ou nos trazem informações e conhecimentos hábeis para o seu mais rápido crescimento na escala dos mundos, se adiantados.

Quando a santa fraternidade reinar entre os homens, auxiliando-os a romper com as amarras do próprio primitivismo, ser-lhes-á mais fácil excursionar por esses *ninhos de bênçãos* que gravitam nos espaços siderais, onde a dor, a morte e a enfermidade não existem, facultando que os visitantes conheçam as delícias do “reino dos céus” e retornem, ansiosos por promoverem o seu lar

e seus habitantes, a fim de que desfrutem das mesmas alegrias que os aguardam.

Por essa razão, afirmou Jesus com tranquilidade: “Na casa do Pai há muitas moradas.”

EXAME DE ATUALIDADE

Nas raízes históricas do Cristianismo, que se encontram fixadas nas palavras e ações do Mestre e dos seus primeiros discípulos, serão encontradas as melhores técnicas de comportamento doutrinário para a ampliação dos horizontes espirituais da Humanidade em nossos dias.

Sem dúvida que o Cristianismo, nas bases atuais e por inúmeros séculos passados, encontra-se distanciado daquela autêntica mensagem de amor e de libertação que objetivava a integral felicidade do espírito ante a Consciência Cósmica.

A medida que se foram introduzindo os dogmas violadores da liberdade de pensamento, bem como a preocupação pela uniformização dos ensinamentos numa tentativa de evitar-se a espontaneidade—de certo modo, igualmente perigosa— a enxertia das interpretações feitas pelos teólogos e o formalismo disso decorrente substituíram a preocupação de viver-se o conteúdo, a benefício daquelas vãs interpretações e aparências de comportamento.

Os apóstolos de Jesus, que Lhe seguiram as pegadas, e aqueles primitivos discípulos que, dos lábios desses, ouviram as narrativas, usavam a técnica da lealdade para com a fé, fundamentados, sobretudo, na certeza da sobrevivência à morte, da qual dera testemunho o Rabi, quando retomou ao convívio daqueles que haviam ficado receosos e assustados, substituindo esse estado, a partir de então, por uma atitude de dignidade doutrinária e de altivez moral que nenhum flagício submetia ou atemorizava.

Certamente que, mediante a evocação do estoicismo daqueles eminentes pregadores e apóstolos da Era Nova, não pretendemos impor fórmula equivalente de conduta para os nossos dias.

Outros eram, então, a época, a cultura, as circunstâncias, os fenômenos históricos e técnicos. Não obstante, merece ser recordado que era apresentada uma doutrina vigorosa para substituir, nas mentes e nos corações, as fâncias e prazeres do Paganismo, com os seus equívocos, lendas e mitos.

Na atualidade, fato equivalente ocorre, quando o Cristianismo descaracterizado cede lugar a um neopaganismo, no qual predominam os cultos ao dinheiro, ao poder, ao sexo, à violência, às drogas...

À falência moral do dogma, sucede o descrédito dos homens aturdidos, que se atirana às novas fórmulas simplistas do utilitarismo, *empenhando a alma*, no jogo arbitrário das ilusões e conveniências imediatas.

O cepticismo, que então governa o mundo interior das criaturas, vê, em Jesus, o homem históico, revolucionário e sacrificado, na condição de um líder qualquer da Humanidade, quando não Lhe nega a existência, pura e simplesmente.

Seu código de ética moral, colocado à margem, como página de literatura oriental fôrmosa, serve apenas

para os duelos verbalistas e discursos ricos de florilégios comovedores, sem a seiva da vivência que o torna regra segura de paz e equilíbrio emocional no tumulto que a quase todos avassala.

Tentativas repetidas de volver-se à pureza primitiva da fé assinalaram a história, seja na manutenção da *Didaqué — Doutrina do Senhor através dos doze apóstolos*, ou simplesmente *Doutrina dos Apóstolos* — seja pelos vultos que, de tempos a tempos, assinalaram o pensamento com a exuberância da sua voz e da sua vida abnegada.

Francisco de Assis e Teresa de Ávila, entre outros, lançaram-se à ingente tarefa, buscando atualizar o comportamento moral dos seus respectivos tempos com a conduta do Cristo, sem conseguirem quanto esperavam.

Posteriormente, João Wiclif tentaria arrebentar as algemas da dominação, iluminando, entre outros, a mente de Jan Huss que pagaria com a vida a audácia de pregar o livre exame das escrituras, delegando, a Jerônimo de Praga, a incumbência de porfiar no bom combate, sucedendo-lhe, também, a imolação em holocausto...

A seguir, Martinho Lutero ameaça a estrutura férrea da Igreja da época, facultando a quem o queira, o conhecimento da Bíblia, por consequência, do Evangelho, e um certo ar de renovação varre a Alemanha dividida e atribulada.

João Calvino, em Genebra, segue-lhe os passos, acreditando-se, mais tarde, em condições de reformar alguns conceitos, e estabelece regras rígidas que irão abrir campo para lutas ásperas no futuro.

John Wesley, em Oxford, informou haver sonhado com Jesus e tomou o *bastão da verdade* com o seu irmão, iniciando a Igreja Wesleyana — que se desdobrara em novos campos, quais o metodismo, o anglicanismo, e, mais recentemente, as Testemunhas de Jeová —

levantaram-se para disputar os 144.000 lugares no “reino dos céus”, ressuscitando assim, fanatismos medievais lamentáveis.

Nesse comenos, quantas insurreições, lutas fratricidas, inglórias cruzadas, perseguições de lado a lado, Santos Ofícios, Inquisições e *Index Expurgatorius*...

Veio, por fim, Allan Kardec, na época em que a Ciência dispunha de recursos para comprovar a imortalidade da alma e a reencarnação, oferecendo a *chave* para uma perfeita interpretação do Evangelho, que é o Espiritismo, sem o qual se perde o conteúdo primoroso e atual da mensagem do Cristo.

Todavia, as dificuldades já repontam. Allan Kardec, porém, diferindo dos seus antecessores, é claro e acessível, destituído das complexidades da linguagem que dificultam o entendimento da Doutrina; é lógico e estruturado na razão decorrente da experimentação dos fatos, não necessitando de novos *teólogos* para o interpretar — dando cor pessoal e emoção cultural, ao paladar de qualquer paixão seísta—permitindo a cada interessado permear-se da sua filosofia e vivê-la no âmbito ético-moral que deflui da fonte evangélica na qual se Origina.

O estudo do Espiritismo é livre, Sem dúvida mais prático quando sistematizado por um método de aprendizagem específico, dispensando novos próceres da verdade, que a ergueriam como arma de acusação e a esgrimem em defesa deste ou daquele seu “ponto de vista”. A verdade, pelo seu próprio valor intrínseco, dispensa os seus defensores, por impor-se imediatamente ou posteriormente. É este um momento de reunir e ajudar, espargindo a luz sem as artimanhas da ignorância, dando com argumentos lógicos, sem as agressões que demonstrem a fragilidade da tese, no apoio da violência...

Desse modo, é indiscutível a necessidade de retomar-se a Kardec, na divulgação do Espiritismo, que veio aos

homens no momento em que o Cristianismo se materializara e se perdera em linhas de comportamento alienado, evitando-se o surgimento de correntes e escolas que, por mais respeitáveis nos seus propósitos, não podem fugir às regras da conduta do Codificador, que enfrentou o cepticismo, a desconfiança, as lutas acerbadas e a indiferença da época, sem fugir, em momento algum, à diretriz preconizada pela Doutrina que apresentou e viveu com nobreza, tomando-se digno do respeito dos próprios adversários.

Meditar nas lições do passado, a fim de agir bem no presente, com vista aos melhores e mais lúcidos métodos de divulgação para o futuro. O Cristianismo, portanto, na fórmula que foi legado à posteridade, sem o Espiritismo, não atinge as metas às quais se destina. Da mesma forma, o Espiritismo sem as raízes do Cristianismo, pode transformar-se em monumental corpo de doutrina científica e filosófica, do qual, no entanto, a alma do amor e da fé cristã foi exilada.

ESCRavidÃO E AMOR

Através da História, nos mais diversos períodos, encontramos a força submetendo as vidas, ao exercer o seu poder nefando de dominação arbitrária e louca.

Tribos bárbaras, vencendo umas às outras, subjogavam os sobreviventes, impondo-lhes a cruel escravidão que, às vezes, era pior do que a morte.

Desse modo, a escravidão do homem, vitimado por outro homem, tomou-se uma chaga hedionda a determinar o estágio de primitivismo de cada povo, cultura e sociedade.

O Egito, no esplendor da sua glória faraônica, ergueu os seus *monumentos eternos* graças ao braço escravo e às centenas de milhares de vidas que pereceram nas mãos terríveis de sicários, tomados capatazes desalmados.

Cambises, rei dos persas, submeteu povos inteiros, dizimando açriaturas nas tenazes poderosas da escravidão vergonhosa, como faziam outros conquistadores e governantes desvairados.

Nabucodonosor, da Caldéia, orgulhava-se de, ele

próprio, cegar com lanças bidentadas os escravos que lhe chegavam como espólio das guerras sangrentas.

Na Assíria, com Sargão H, a escravidão alcançou índices alarmantes, sem qualquer respeito ou mesmo piedade pelo ser humano tornado galé...

A Grécia, especialmente Atenas, através de Aristóteles, justificava a escravidão dos *povos inferiores*, embora fundamentando muitos dos seus estados em nobres democracias, e a sua filosofia embelezasse a alma dos homens mais expressivos da época.

Marco Aurélio, o estóico, escrevia os códigos de ética moral nos campos de batalha, e Augusto dificultava, ao máximo, a libertação dos oprimidos.

O Novo Mundo não ficou indene à purulência moral que lhe chegava dos Velhos Continentes.

A Espanha, em pleno século XVI, através de Carlos V, autorizou, em Honduras, a escravização do negro, após o quase aniquilamento dos seus povos, que pagariam com a vida o impositivo infame da cobiça do branco.

Logo depois, D. João VI, de Portugal, estendeu a impiedosa determinação, mediante alvará real, autorizando Duarte Coelho a usar o braço do silvícola, no eito da escravidão, o que depois foi ampliado à África negra...

Nesse momento, já não são as guerras, mas os desbordos das paixões, que levam os escravocratas às sortidas infelizes nos territórios pacíficos, separando as criaturas ejugulando-as ao potro dos lutuosos tormentos.

À medida, porém, que os sentimentos e a razão passaram a substituir os instintos e as sensações, movimentos libertários surgiram, favorecendo as vítimas do famigerado processo de indignidade humana.

Não obstante, as guerras e a dominação do poder econômico prosseguiram submetendo povos inteiros, praticamente todo o denominado “Terceiro Mundo”, por outro lado estimulando, esse desgoverno das paixões, a escravidão, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, pelas drogas, pelo sexo, pela pornografia...

Os vícios anestésicos vencem hoje multidões nas diferentes classes sociais e econômicas, enquanto o egoísmo continua destruindo os ideais humanos e consumindo vidas incontáveis, deixando um saldo assustador.

Apesar disso, Jesus é o Grande Libertador, ensejando a perfeita igualdade das criaturas, nos seus deveres e direitos, conclamando à vera fraternidade que o

amor sustenta e felicita.

Ele próprio, demonstrando a excelência da Sua doutrina, doou a vida, de tal forma, que ensinou a submissão externa, com a plena liberdade individual e íntima que nenhuma força logra submeter.

Vestígio de barbarismo degradante é a presença de qualquer tipo de escravidão no contexto sócio-histórico da moderna civilização, que não absorveu a carta magna do Cristo, estruturada nas Bem-aventuranças, que prosseguem comovendo e iluminando as consciências que se deixam penetrar pelas luzes dessa epopéia ímpar.

Por sua vez, o Espiritismo, que atualiza e restaura o Seu pensamento, na Terra, representa a carta de alforria para os escravos de si mesmos, das mazelas pessoais e das paixões dissolventes que desgovernam milhões de homens, mulheres e jovens, que tombam, inermes, nas armadilhas douradas e ilusórias deste momento de grande transição.

Quando as mentes aceitem essa mensagem do Cristo Libertador e se conscientizem das responsabilidades espirituais que lhes dizem respeito, reflexionando com seriedade nas leis da reencarnação, o poder da força e das paixões primitivas cederá lugar à *força* do amor e da fraternidade, construindo um mundo feliz, no qual a paz se tomará a realidade legítima para todas as vidas.

NOVA ORDEM DO AMOR

O Homem pediu a colaboração da Ciência, guindando-se às conquistas tecnológicas. Todavia, abandonou a responsabilidade e desconsidera o amor.

Anelando por ganhar espaços, arroja-se na decisão do desconhecido e deixa à margem as conquistas logradas pelo sentimento.

Preconiza a paz — fomenta a guerra.

Ensina o amor — estimula a luta de classes.

Programa os *direitos humanos* — desrespeita os direitos do próximo.

Ensina a liberdade—investe contra a do seu irmão.

Amplia as próprias ambições — encarcera-se nos cofres da usura, nos limites estreitos da política arbitrária, nas paisagens torpes das paixões dissolventes.

Por isso, transcorreram quatrocentos anos de razão, de investigação científica, de liberdade de consciência com uma colheita de sombras, de amarguras, de pessimismo.

A partir do século XVI, apoiou-se na filosofia para arrebentar os grilhões da ignorância religiosa.

No século XIX utilizou-se da mesma filosofia, para gargalhar de Deus, e sucumbe, em pleno século XX, sob as filosofias do anarquismo, da perversão, do *fazer coisa nenhuma*.

Em consequência, uma grande noite se abate sobre a Humanidade.

O homem, artífice do seu próprio destino, encarcera-se no vício e deixa que o sol da liberdade buscada, e conseguida em parte, seja empanado pela grande nuvem das suas ameaças constritoras.

Enfermidades de etiologia difícil, de terapêutica complexa, de recursos preventivos impossíveis no momento, ameaçam a estrutura orgânica do ser pensante.

Psicopatologias profundas aniquilam-no interiormente; o homem estertora; o homem se desumaniza.

Neste contubémio de paixões, a violência irrompe assustadora, em nome das liberdades democráticas, e cava o poço para as ditaduras do poder.

Pairam, sobre a Terra, os miasmas pestilentos do sofrimento generalizado.

Não pretendemos fazer profetismo de aniquilamento nem nos utilizamos das *Parcas*, que tecem o destino trágico dos homens, antecipando-lhes a desgraça. Consideramos as ocorrências ora vividas, pelo apagar do idealismo, face ao confundir das aspirações enobrecedoras, como decorrência da fâlcia das conquistas ético-morais e espirituais do ser.

Pairando, entretanto, sobre todas as conjunturas amargas, Cristo vela e conduz a nave terrestre no fragor das batalhas rudes, no entrechoque das paixões, no destruir das Instituições enobrecidas.

Um inesperado sopro de renovação varrerá a Terra e espíritos, que lideraram povos pelo pensamento, pela arte, pela sabedoria, tomarão os comandos da geração desventurada e restabelecerão, na Terra, a paz, o amor, a liberdade.

Todos estamos convocados para prepararmos o advento dos dias porvindouros.

As lâmpadas acesas na noite têm as nobres finalidades de derramar claridade.

Não nos encontramos reunidos no ministério espírita e cristão, por acaso.

Não voltamos aos caminhos do Cristianismo por injunções eventuais ou por caprichos do destino.

Assumimos grave responsabilidade com o Cristo que não soubemos

respeitar no passado.

Contribuímos para estes momentos de desaires e sofremo-los, vivendo as consequências dos nossos atos pretéritos.

Assim, estabeleçamos a nova ordem do amor preparando o futuro de gloriosos dias, nos quais, possivelmente, noutra roupagem, estaremos de volta, experimentando o primado do espírito imortal.

Companheiros em Doutrina Espírita, rugindo a tempestade, vigiemos.

Estourando as lutas, resguardemo-nos.

Correndo os rios de lágrimas e amontoando-se os cadáveres dos ideais perdidos, atuemos no bem.

A nossa é a valiosa ação de servir e servir, amando e amando, sem revidarmos mal por mal, nem aceitarmos o achincalhe, a provocação, a agressividade espontânea dos que enlouqueceram e ainda não se deram conta.

Na história dos séculos, a cruz do Cristo, simbolizando a Sua derrota, é a *história da grande vitória* que inaugura a ressurreição como prelúdio de uma vida eterna.

CRUZADA DE AMOR E PAZ

Na inexorável marcha do progresso, em que o espírito procura conseguir a “predominância da natureza espirituaF” sobre a sua multimilenária “natureza animal”, a violência tem-se destacado como meio lamentável de o mesmo galgar os degraus de acesso aos patamares superiores da inteligência, da razão, e, agora, da intuição, passo inicial para o período da aquisição angélica.

Em decorrência, as conquistas humanas têm-se alicerçado nas guerras de vários portes, em que as expressões da barbárie atestam os atavismos ancestrais de que não se têm conseguido libertar.

Impérios e civilizações foram levantados, na sucessão dos séculos, e derruídos, pela agressividade e volúpia bélica dos adversários que, periodicamente, à semelhança de pragas vorazes se atiraram sobre os povos, dizimando-os e deixando as marcas infelizes da sua passagem desditosa.

As dinastias egípcias deram lugar ao Império assírio-babilônio, que foi sucedido pelo persa e, mesmo a Hélade, esplendeu por um pouco, para ser asfixiada

pelas legiões romanas que, por sua vez, não resistiram à loucura dos seus fâmulos nem à dos seus inimigos, abrindo espaço para outras tentativas, tal a dos otomanos e, nos dias modernos, as do Oriente e do Ocidente, que se ameaçam mutuamente, pondo em perigo toda a Humanidade e o próprio planeta que a hospeda na condição de mãe e benfeitora.

Desfilam, nesse báratro, aguerridos, os conquistadores temíveis e odiados, os heróis temerários e caprichosos, os capitães e generais violentos, cujos nomes inspiravam horror, mas que a morte consumiu na voragem do túmulo, nivelando-os aos seus soldados anônimos e às suas vítimas infelizes.

Jesus, no entanto, veio à Terra anunciar um reino cujas balizas não eram fixadas em pontos geográficos, mas, sim, no país das consciências, e cuja conquista somente se logra mediante as armas do amor, até então desdenhado, e, mesmo hoje, confundido com as paixões dissolventes.

Ao revés de matar, Ele fez-se vítima e iniciou uma Era de sacrifício, de martirologio, em que os seus *cidadãos* davam a vida, ao invés de tomá-la aos outros, e cuja vitória dá-se do interior para o exterior, sem alarde nem fanfarras, desconsiderando as glórias efêmeras e as homenagens de ocasião.

Instaurou um império de fraternidade capaz de enlaçar os que se opõem à sua realidade, apresentando um código de superior comportamento, no insuperável Estatuto apregoado no “sermão da montanha” que, aceito, mudaria todo o complexo mecanismo utilitarista da sociedade, partindo da transformação moral, pessoal, de cada membro desse clã revolucionário.

Foi o único rei que se ofereceu a si mesmo em holocausto, e prometeu aos seus súditos as aflições do mundo, face à nobreza com que Ele próprio “venceu o mundo” dos apaixonados pigmeus que passam devorados pelo tempo, por mais queiram demorar-se no trono ilusório da empáfia e da ostentação.

Esse “reino” recebeu, no entanto, até aos nossos dias, o maior número de súditos, centenas de milhares dos quais trocaram a utopia física pela sua plenitude espiritual.

Nenhum herói, ou comandante, ou rei de qualquer época impressionou tanto a Humanidade quanto Jesus...

Nunca alguém foi tão comentado, Seus feitos tão discutidos e narrados como ocorre com Jesus.

Infelizmente, no entanto, homens que diziam segui- 10, reiteradas vezes desencadearam “guerras santas” e produziram holocaustos tenebrosos, em

números assustadores, que ainda chocam os historiadores das horrendas carnificinas em que se celebrizaram.

Cruzadas e morticínios programados, perseguições e matanças cruéis deixaram saldos vergonhosos, que nada têm a ver com o Mártir crucificado, mas que os ambiciosos fomentaram para atender as próprias misérias, disfarçadas inescrupulosamente como testemunhos de fidelidade a Ele, o Não-Violento por excelência.

Vaidades e teologias que não se firmam em Suas palavras dividiram os “crentes”, e intérpretes audaciosos impuseram seus “pontos de vista” nos Seus “ditos” e “feitos”, provocando acirrados ódios que ainda minam a estrutura do império que Ele veio instalar na Terra, numa preparação do *reino* definitivo além das fronteiras da carne... ,

Hoje, mais bem elucidados os Seus ensinamentos graças à revelação espírita — que se apóia na ciência, em fatos dissecados pelo bisturi da investigação racional — surge uma mentalidade filosófica perfeitamente igual à primitiva, que Ele viveu e ensinou, que tem por fundamento a caridade nas bases do amor incondicional, soberano

conquistador das mentes e dos sentimentos, abrindo espaço entre as criaturas e a civilização para que seja implantado o período do espírito imortal, sucedendo aos fenômenos históricos, filosóficos e mecanicistas da negação, do niilismo...

Os que Lhe aprofundam as lições e vivem as técnicas experimentais, transformam-se em verdadeiros cruzados do amor lúcido e da paz, que vão às causas da miséria e buscam removê-las com os instrumentos da razão, utilizando-se da educação das gerações novas e socorro aos da geração comprometida, intentando a reforma intelecto-moral do homem, única maneira de fazê-lo feliz e promotor de uma sociedade justa na qual todos se tomem realmente irmãos.

Somente assim, erradicando-se as causas da miséria moral, causadoras das demais humanas misérias, é que o espírita consciente varrerá a violência do mundo, tomando-se um verdadeiro cristão, pacífico e pacificador, o que implica ser, conforme Allan Kardec denominou com muita justeza e propriedade, um “espírita perfeito”.

CHAMAMENTO À LUTA

Vivendo os tempos anunciados, não vos surpreendais com os testemunhos.

Chegam as horas que foram preditas pelo Senhor, e todos vos encontrais convocados para a demonstração da fé interior nos arraiais da vossa própria conduta.

Nenhum juiz ou julgamento algum externo.

Vida interior acima de convenções. Atitudes além de aparências.

Na razão direta em que a dor estruge e as aflições assomam desesperadoras, cabe-vos o dever inalienável de porfiar, estampando no semblante o otimismo da paz, e, na vivência, colocando o selo da retidão.

Não mais engodos nem superficialidades como vernizes de comportamento.

Mais do que nunca se fazem imperiosas a atitude de justiça, a ação de enobrecimento e a definição de fé.

Já vos oferecestes para o banquete da luz da Era Nova. Traçastes a rota libertadora; portanto, não postergueis a vossa marcha.

Muitas vezes renteastes com o dever e malograstes.

Encarecestes o ensejo de reparação e fugistes.

Convocastes lidadores valiosos para vos representarem no Além, que intercederam pelo vosso retomo, e, agora que estais engajados na luta, não vos justifiqueis as fugas.

Afraqueza se transforma em força sob o valor da fé.

A fragilidade se robustece com os combustíveis da dignidade.

A ação impõe, inevitavelmente, o contributo da realização pessoal pela vivência íntima da prece e das idéias enobrecidas.

Vigiai as fontes do pensamento, por onde se adentram a perturbação e a desordem.

Coibi, para vosso uso, as licenças morais permissivas, não vos comprometendo com ninguém nem a ninguém deixando comprometer-se convosco.

Tendes a luz excelente para clarear-vos o roteiro.

Momento final, este, de avaliação de resultados.

Recebestes do Senhor as dádivas que nem sempre merecemos, todos nós, mas que a misericórdia divina nos faz chegar com robustecimento de força, para que nos não venhamos a entorpecer, alegando escassez de recursos.

Duas forças em antagonismo vigem em nós, duas naturezas no homem, que podem ser sintetizadas numa só: a paixão, que se bifurca em paixão do corpo, da ambição e paixão da alma, da libertação.

Esse conflito deve terminar na *paixão pelo Cristo*, que não apenas se imolou numa cruz, mas permanece imolado em nossos sentimentos, aguardando por nós.

Não adieis mais!

Que esperais da vida, nesse limite que a porta do túmulo determina?

Prefereis a ilusão de um momento, seguida pela marcha penumbrosa dos remorsos e das dores, ou optareis pela superação de alguns instantes de ansiedade, para a plenitude de todos os momentos depois?

Participais do banquete da vida. É justo que pagueis o seu tributo.

Fruís das alegrias da fé. É compreensível que vos seja cobrado o ingresso da satisfação.

Na aduana da vida, o passaporte libertador é a conduta íntima.

Ninguém se poupe ao esforço de sublimar-se.

Pessoa nenhuma permita arrastar o próximo ao desequilíbrio de que se procura evadir.

Eia, agora, este é o momento da libertação; soa o instante azado da vossa devoção à causa espírita, que faz mártires na abnegação, heróis na luta e santos na renúncia.

Cristo, ontem imolado. Cristo, hoje libertador. Cristo, amanhã em que, com Ele, estaremos na plenitude do Reino dos Céus.

QUESTÕES SÓCIO-ECONÔMICAS

A inescrutável sabedoria divina estabeleceu na causalidade da vida, a origem de todos os fenômenos, que lhe são as manifestações inevitáveis.

Nesse panorama, a reencarnação é o processo de evolução mediante o qual jamais se interrompe o crescimento moral e intelectual do ser, na cadeia infinita do progresso.

Perfeitamente compatível com a justiça soberana, por dela ser derivada, a reencarnação brinda ao princípio inteligente as possibilidades inimagináveis de aprimoramento íntimo.

Iniciada uma -etapa, alargam-se-lhe essas possibilidades de elevação, interrompida apenas em um dado momento, a fim de se poder galgar outro patamar, no qual mais se ampliam as áreas da evolução, favorecendo o ser com novas e seguras aquisições intelecto- morais.

O aviltamento da conduta, o delito consciente, o erro engendrado, e logo se prenunciam as necessidades reparadoras, impondo repetição da experiência, através

de cuja ação o ser readquire a dignidade perdida, aparelhando-se para outros tentames mais graves e significativos.

Esse processo valioso proporciona a chave para equacionar os problemas do comportamento humano, oferecendo os meios para a elevação sem os infundáveis castigos ou perdões com que a ortodoxia religiosa do passado pretendia simplificar os mecanismos das Leis.

O Espírito, diante da Consciência Cósmica, é o responsável por si mesmo.

Herdeiro da Inteligência Divina, que nele jaz em embrião, a ele cumpre facultar-se os recursos próprios, a fim de que se fecunde e se desdobre, impulsionando-se à conquista dos valores que lhe estão destinados, mas que devem ser desenvolvidos a esforço pessoal, trabalho esse que lhe concederá alegria, face ao empenho que ele tenha aplicado.

Portador de variadas aptidões que lhe compõem o quadro evolutivo, desenvolve, etapa a etapa, essas facultades que o exornarão de beleza e conhecimento, que o amor unirá em conjunto harmônico de sabedoria.

Nessa paisagem, estagiam em faixas primárias aqueles que ora começam o seu processo de desenvolvimento, renteando com as dificuldades iniciais, necessitados de apoio e orientação.

A dor que experimentam não tem caráter punitivo, antes constitui-lhes estímulo ao avanço, aguilhão que os impulsiona na marcha, para que deixem o estágio mais grosseiro do processo libertador.

Manifestam-se essas experiências nas anomalias de todos os matizes, nas enfermidades ásperas e mutiladoras, principalmente nos tormentosos labirintos sócio- econômicos nos quais bilhões deles estertoram em trânsito para patamares mais elevados.

Não são antigos déspotas ou miliardários impiedosos,

os renascidos nas palhas da miséria, embora os haja também em grande quantidade, renteando com eles e aprendendo equilíbrio, justiça e respeito pelo bem...

Diante deles, a sociedade está convidada à aplicação das *leis de amor*, promovendo-os mediante a educação, o trabalho, a higiene, o recreio, que merecem como seres inteligentes e dignos, irmãos em fase de desabrochamento dos valores éticos.

As atitudes assumidas em relação a esses companheiros de luta facultarão efeitos correspondentes para aqueles que as mantiverem, tomando-se, a partir de então, fenômenos cárnicos que pesarão na economia pessoal e social do grupo humano.

Tem o dever de amparar e proteger o seu irmão, todo aquele que disponha de meios, sem o disfarce de benfeitor ou o tacão de sicário.

As injustiças sócio-econômicas que permanecem na Terra atestam a vigência do egoísmo das criaturas, como pessoas descomprometidas ou governantes arbitrários que se transformam em déspotas temporários, que a morte vence e disciplina na sua voragem transformadora e interminável.

A evolução se processa por meio do apoio que o forte propicia ao fraco, a ajuda que o rico enseja ao pobre, o estímulo ao trabalho que o portador de bens facilita ao carente.

A competição absurda, gerando classes privilegiadas e miseráveis, as primeiras locupletando-se no cadáver das outras, é responsável pelo rebaixamento do homem aos níveis do primarismo animal, no qual permanece a vitória do espécime mais forte sobre o mais fraco, até quando a inteligência se revela e se sobrepõe.

Enquanto vicejem o egoísmo desenfreado e a prepotência tresvairada, a miséria social permanecerá na Terra, dificultando a ascensão das almas e gerando o

“círculo vicioso”, onde o poderoso renasce ao abandono e o miserável na opulência, sem saberem como utilizar-se da ocasião promissora.

O homem tem como missão inteligente crescer moralmente enquanto reencarnado, e insculpir a justiça social e humana nos seus atos e na vivência em relação ao seu próximo constitui-lhe o grande desafio.

Com esse treinamento individual, passará a influenciar o grupo social no qual se movimenta, tomando-se, quando a circunstância o determinar, governante honesto e justo.

Em contrário, desacostumado a um comportamento de equilíbrio e de justiça social, no momento em que alcança as posições de mando, também transitórias, mesmo disfarçando a predominância das paixões inferiores, faz-se arbitrário quão impiedoso, fomentando a permanência dos volumosos bolsões de miséria que terminarão por infelicitá-lo também, agora ou mais tarde...

A reencarnação, portanto, fenômeno do amor de Deus, é oportunidade para que floresça a igualdade social, econômica e fraternal, entre os seres que se diferenciarão somente pelos valores intelecto-morais, de conquista pessoal e intransferível.

Jesus é o exemplo máximo, que desceu aos homens para os ajudar, permanecendo pulcro e transcendente nos valores que O faziam superior, sem jactância nem prepotência, amando sempre.

DIREITO DE PROPRIEDADE

O direito de propriedade, certamente surgiu como efeito da necessidade de preservar-se o *fogo sagrado*, em torno do qual se reunia a família, e em cujo local, nas suas proximidades, sepultavam-se os membros do clã.

O desaparecimento do fogo, do seu ritual de manutenção, significava a extinção do grupo consanguíneo preservador, a desarticulação dos seus membros.

A sua volta se erguia a casa, deixando o altar a uma regular distância que facultasse aos membros da família saudarem-no à entrada e à saída.

Na Grécia e em Roma estabeleceu-se, então, a necessidade de manter-se a área onde ficavam inumados os deuses domésticos, *manes, lares*, aos quais as pessoas eram obrigadas a fazer oferendas, propiciando-lhes felicidade sob pena de, ao negarem-nas, eles se levantarem e tomarem-se perturbadores, odientos...

O direito de propriedade se originou no culto e se derivou da religião, transformando-se, com o tempo, em Lei que garante aos homens o uso, o intercâmbio, a venda das terras e outros valores.

A partir de Sólon, no Ocidente, e de *Manu*, no Oriente, ou mesmo, antes deles, o culto religioso estabelecia a sistemática do comportamento humano. Foram anotadas e se converteram em Leis, até hoje partes essenciais da vida de relação dos homens.

Dessa propriedade com raízes religiosas, à ambição desnaturada dos monopólios, dos megapoderosos detentores de terras e de ações que envilecem e alucinam bilhões de outros homens esfaimados, que renteiam com a miséria e a indignidade, medeia um imenso pego.

O ser humano, no seu crescimento intelectual e industrial, tecnológico e eletrônico, ficou insensível, robotizou-se, tomando-se execrado em si mesmo.

Não são, no entanto, a propriedade, nem outras posses, as responsáveis pela hecatombe social e moral da atualidade, mas, sim, a criatura iludida, megalomaniaca, que se esquece da transitoriedade de tudo no mundo, inclusive, dela mesma, que se decompõe na roupagem orgânica, da qual, em momento próprio, vai expulsa sem remissão, sem temporização.

A única propriedade legítima se constitui dos valores éticos superiores que exomam a alma, não mais retida na sepultura, conforme pensava a tradição indo-européia primitiva, porém, livre e consciente, responsável por si mesma, no contínuo crescimento que lhe é facultado pela sua inalienável imortalidade.

Graças ao lúcido intercâmbio entre os espíritos e os homens, já amadurecidos para o entendimento da verdade, sabe-se que a vida é única, seja no corpo ou fora dele, porém sua origem é espiritual, para a qual retornará em definitivo, quando encerrado o seu ciclo de evolução através dos renascimentos carnis.

O único direito de propriedade, portanto, que o homem tem, está vazado nas aquisições morais de que não pode prescindir.

UMA SOCIEDADE JUSTA

Somos todos unânimes quanto à necessidade de se viver na Terra o clima saudável de uma sociedade justa, na qual direitos e deveres humanos sejam idênticos, ao tempo em que a miséria sócio-econômica, as discriminações de qualquer natureza, ou os prejuízos do egoísmo não vicejem.

Reconhecemos, os idealistas vinculados ao espiri- tualismo ou às filosofias materialistas, que o homem é o grande investimento da vida, e que somente através da sua valorização e promoção, lograremos tomar o mundo dignamente habitável, realmente um lugar respeitável para a manifestação da vida inteligente e o inter- relacionamento saudável.

Os materialistas, que vêem na existência única a realidade exclusiva, debatendo a problemática da sociedade injusta, culpam-na pelos desequilíbrios de vários portes que assolam, dizimando centenas de milhões de criaturas, e fazem um retrospecto histórico-sociológico para explicarem a grande falência da cultura e da civilização atuais.

Elucidam que as pressões de toda natureza — guerras generalizadas e conflitos menores; escassez de alimentos; discriminações de raças, credos e posições; subjugações; analfabetismo; doenças e flagelos outros — são responsáveis pela irrupção das neuroses do momento, da violência, do desassossego, da depressão, da amargura, que levam aos crimes contra a propriedade, o próximo e a criatura mesma, em fugas espetaculares e irremediáveis pelo suicídio...

Por outro lado, a insaciabilidade dos detentores do poder, com o conseqüente desprezo pelos pobres e fracos, produzem o pestilento estado de injustiça, em cujo regime o homem não passa de meio para ser usado, e logo descartado, que lhes fâculta a aquisição de mais força e dominação, geradores da miséria que se generaliza em caráter quase irreversível.

Não negamos esse fator predominante no comportamento social; todavia, estas são causas próximas, do momento, cujas matrizes reais estão no procedimento das gerações passadas, que o ritmo das reencarnações traz de volta.

Assim, de duas ordens, pois, são os fatores responsáveis pelas injustiças sociais: atuais e passados.

O homem arbitrário, de um dia, é axiomático, retorna ao mundo sob as injunções dolorosas que gerou para os outros. Contudo, diante da massa imensa dos padecentes, não podemos acusar a todos de haverem delinqüido antes, estando agora em processo de reparação.

Defrontamos, então, novos fatores evolutivos que esclarecem a questão. O espírito está fadado à perfeição relativa que o aguarda, dispondo do discernimento para a ação edificante que, não usado, abre-lhe as possibilidades para o avanço mediante a dor. Não tendo o sofrimento um caráter punitivo, senão educacional, a recusa ao bem predispõe-no para a reabilitação próxima, por meio da experiência da aflição que o propela para as atitudes corretas. Esse determinismo, entretanto, não elege os

indivíduos para que propiciem o mecanismo reparador, já que as *Leis da Vida* possuem os recursos hábeis e naturais para a consecução do seu programa.

Quando alguém se predispõe, conscientemente ou não, a impor suas leis arbitrárias e suas atitudes infelizes contra o próximo, assume responsabilidades negativas, que lhe irão pesar dolorosamente na economia moral, subordinando-o à recomposição futura.

A compreensão da vida, através de uma visão mais ampla, conforme apregoada pelo Espiritismo, aclara a mente, propiciando-lhe a percepção das metas existenciais, que se sintetizam no amor, fâcultando os meios para o progresso geral.

Se o homem é rico, sente o dever de ampliar o parque de realizações, abrindo espaços para novos empregos, e atividades promotoras dos demais indivíduos.

Se é pobre, por meio de uma consciência de equilíbrio dinâmico, que fâculto estímulos para o progresso, ao invés da aceitação mórbida da situação, empreende grande esforço para se liberar da condição afligente.

O conhecimento da imortalidade brinda-lhe a compreensão da transitoriedade do corpo, da sua brevidade em relação ao tempo e da sua finalidade considerando a vida em sua profundidade real.

Completando esse discernimento com a reencarnação, equipa-o de recursos para, após interrompida uma etapa, retornar para prosseguir, melhorando-a porque age, desde então, de forma equilibrada e lúcida, tendo a certeza de que o seu é o futuro ditoso, que lhe cumpre programar e desenvolver.

Esse homem consciente torna-se justo e equânime, passando a proceder de maneira feliz, dando início ao grupo social que de imediato compreende, como objetivo primeiro da vida, a erradicação da inferioridade predominante.

Nesse grupo, todos se ajudam através do trabalho, que é *lei natural*, destacando-se os indivíduos pelos seus valores intelecto-morais, e não pelos haveres da usura, que são geradores das desditas.

Ao mesmo tempo, as calamidades que independem do poder e do dinheiro para serem solucionadas — aliás, deles zombando — não mais existirão em forma de ansiedades ou dissabores; de solidão ou falta de identidade psicológica, reinando, então, a paz e a alegria entre todos, que se interdependentarão num relacionamento superior.

Enquanto, vigerem, porém, no homem, o egoísmo e a ambição desmedida, o orgulho e a sagacidade insana, as paixões perturbadoras, por mais se estabeleçam leis de justiça social, elas permanecerão inaplicadas. E certo que fomentarão a educação — que liberta da ignorância; as oportunidades de trabalho — que promoverão o ser; a assistência médica — que atenderá as necessidades da saúde; que imporão o repouso aos que trabalham, concedendo-lhes recreação, mantendo, porém, os privilégios dos dominadores e ególatras, que se envenenam na soberba, longe da real solidariedade e do respeito pelas demais criaturas.

No homem educado pelo conhecimento espírita, estarão os germes da sociedade melhor, quando ele, justo nas aspirações e na conduta, trabalhar pelo próprio progresso tendo em mente a realização do mesmo a benefício geral.

Desse modo, todo investimento na educação espírita da criança, do jovem, do homem em qualquer fase da sua existência, será a solução para o problema-desafio da atualidade, que é a estruturação de uma sociedade justa e progressista pela qual todos aspiramos.

A FORJA DO PROGRESSO

Impulsionado pela ânsia inexorável do progresso, o homem arrebenta os limites da residência terrestre e busca novos pousos no Sistema Solar, com os olhos postos nos oceanos estelares a se distenderem pelos espaços cósmicos.

Refratário às constrições de qualquer natureza arroja-se, na conquista do infinito, superando as próprias condições orgânicas, nas quais estorcega, não raro, sob angústias inenarráveis.

Diluindo as sombras medievais, no Renascentismo, com as claridades da arte e da literatura, os arroubos da navegação e os anelos de liberdade, passou à vivência dos valores imediatistas, experimentando novas emoções na área do conhecimento até o instante em que o estridor das suas necessidades elaborasse a Enciclopédia, investindo contra os funestos bastiões da ignorância.

Emulado pelo êxito anterior, foi-se agigantando cada vez mais em novos embates, e fez que ruíssem as muralhas da Bastilha, símbolo do absolutismo do poder,

que a partir de então passaria a ser contestado, e, lentamente, combatido com as armas da razão e dos altos valores da vida.

Foram ruindo os impedimentos ao seu avanço, e as fronteiras separatistas perderam o seu significado, facultando o entendimento fraternal de todas as criaturas.

Discriminações odientas de raças, de castas e de credos cederam lugar ao entendimento e respeito recíproco, no momento em que a Ciência propõe um direcionamento para a unidade, ficando, à margem, as arcaicas propostas de fâções dominantes em nome do separatismo absurdo gerador de privilégios para uns poucos, em detrimento de milhões outros abandonados nos guetos da miséria, da fome, da indigência moral, econômica e social.

A hidra da guerra passou a ser vencida e, lentamente, sucumbe ante a investida audaciosa e libertadora da paz que dignifica o ser e felicita os povos.

Ainda permanecem, lamentavelmente, vários bolsões de conflitos horrendos, em razão da alucinada ambição de alguns indivíduos que se impuseram às suas comunidades pela força e através dos métodos ignóbeis do mercenarismo e do medo, submetendo nações e cidades em sombras.

A ganância desmedida, a luxúria em exacerbação e a loucura pelo poder geram os dominadores desequilibrados a soldo das próprias paixões, que conduzem o carro da desgraça esmagando multidões inermes, esquecidos, porém, da transitoriedade da existência física, que não os poupará. Enquanto isso ocorre, os camartelos da evolução prosseguem demolindo as casamatas onde se homiziam os hediondos assassinos dos povos.

A governança de um dia, no entanto, aparece noutra, sombreada pelas cinzas do desprezo humano, que a derruba na sucessão das horas quando se resolve por arrancar a canga da submissão escrava.

A história dos ditadores e dos governantes desnaturados é a *tragédia* em que se consumiram suas vidas misérrimas.

Não há como impedir-se a marcha do progresso.

A miscigenação racial tem propiciado o surgimento de uma sociedade mais lúcida e compreensiva; a destruição das castas vem proporcionando maior soma de progresso *coletivo*; a união das crenças está facultando melhor vivência dos seus postulados — que objetivam a felicidade do homem após o túmulo, se são de caráter religioso; que propõem uma vida tranquila e ditosa na Terra, se têm metas filosóficas, políticas ou sociais — todas em harmonia, trabalhando em favor da humanidade melhor do futuro.

Já não cabem temores, nos arraiais da cultura contemporânea, como aconteceu antes.

Caiu o muro de Berlim — símbolo da arrogância e absolutismo do ser humano primitivo e tresvairado — e o mundo, estarecido, acompanha o crescimento das liberdades democráticas no leste europeu sofredor..

A muralha da vergonha, em breve, explodirá em flores miúdas que os ventos da primavera farão surgir das finchas de suas pedras e do seu concreto armado, demonstrando o poder que tem a vida de sobreviver aos seus sicários.

As centenas de mortos que tentaram atravessar a ignóbil *cortina de ferro*, no silêncio das suas tumbas, acompanham o périplo do sol da liberdade, que poder algum consegue destruir.

Por outro lado, a sobrevivência exige que os homens se dêem as mãos e avancem unidos.

Os atuais partidos políticos compreendendo esse fator impositivo, cedem plataformas, uns aos outros, embora mantenham as suas filosofias, a fim de que os

direitos das pessoas e o seu bem-estar sejam preservados e defendidos.

Instauram-se processos de justiça contra os dilapidadores dos bens públicos, e se instalam as bases da equanimidade nos governos, que se devem dedicar ao povo e suprir-lhe as necessidades mais imediatas, prevenindo-lhe o futuro.

As sombras truanescas do passado cedem lugar às claridades abençoadas do presente, que delinea o futuro.

O homem avança e reescreve a história da humanidade com as letras dos soberanos códigos do amor, da fraternidade e da paz.

Há, certamente, muito ainda por fazer.

A nuvem do crime e da violência, o vapor dos tóxicos e o *vírus* do sexo em desequilíbrio, a ronda da miséria sócio-econômica, permanecem em crescimento em inúmeros departamentos humanos. Todavia, medidas profiláticas estão sendo tomadas, e terapêuticas valiosas se apresentam, buscando debelar estes flagelos destruidores.

Há predominância do bem, no mundo hodierno. Os protestos que se verificam, em toda parte, contra os abusos e a delinquência, caracterizam o processo de crescimento da sociedade e a sua ânsia de harmonia.

Milhões de pessoas estão voltadas para a saúde, a educação, o bem, o progresso tecnológico e moral, preparando com sacrifício os novos tempos.

Vidas que se estiolam na miséria, no olvido, estão sendo resgatadas pelas mãos do amor, que se alia à *técnica* para o *milagre* da redenção humana.

Viceja a esperança, renunciando o fim destas horas ainda difíceis, vestígios perniciosos da noite que parte em retirada...

Nesta paisagem emergente surge o Espiritismo,

equipando os idealistas com os instrumentos próprios para o grande trabalho que se opera na Terra. As bases da reencarnação demonstrando o principio e o inestancável processo da evolução; a comunicabilidade dos espíritos *confirmando a sobrevivência* da alma à morte e os acontecimentos que a envolvem; a sua ética eminentemente cristã e os seus métodos de pesquisa científica, são um arsenal para vencer, no seu aparentemente inexpugnável bastião, esse terrível e desconsiderado adversário do progresso humano que é a ignorância. Resistindo a várias tentativas de expurgo do organismo social devido às fáceis mutações que lhe fazem alterar a estrutura e o comportamento, defrontando o escalpelo do Espiritismo, não lhe resta outra alternativa senão diluir-se ante a claridade da razão e do amor libertadores das consciências.

Engajados neste grande compromisso de vencer o mal ainda existente em nosso mundo íntimo, aquartelado na cela da ignorância, derrubemos os muros da hostilidade e nos preparemos para a inevitável arrancada na direção de outros mundos felizes que nos aguardam, quando terminados os deveres atuais que aqui nos retêm.

A vida espera, a luta é nossa e a forja do progresso está em ação.

NOVO COMPORTAMENTO

Parafraseando Platão, bom investimento fariam os maus, fosse a vida encerrada na sepultura. Todos os seus negócios, objetivando apenas os gozos, estariam terminados com a dissolução cadavérica.

As doutrinas niilistas, apoiando-se no materialismo, estabeleceram na morte o fim da vida, como cessação total e absoluta da consciência.

Embora pregassem que o homem não passava do fruto espúrio do acaso, as conquistas da moderna tecnologia científica chegam a conclusões totalmente opostas.

Considerando-se os postulados negativistas da vida, surgiu a mentalidade aproveitadora, imediatista, trabalhando exclusivamente para os gozos materiais, distante do escrúpulo e dos deveres de solidariedade.

De um lado, as grandes invenções produzindo para a comodidade humana; de outro, o egoísmo carcomendo os valores e corroendo as emoções.

Chega-se ao momento em que as glórias da inteligência não correspondem aos terríveis vazios do sentimento, e o homem, desequilibrado, estorcega na aflição e tomba no despenhadeiro da loucura.

Malgrado o pessimismo que varre a Terra, luz a esperança de melhores horas, graças, de certa forma, às perspectivas futuras do espiritualismo, libertando o ser dos grilhões do dogmatismo absolutista e devorador, e concedendo às religiões científicas o espaço para confirmar as bases nas quais se apoiam, que são: Deus, a imortalidade da alma, a reencarnação e a Justiça Divina.

Toda doutrina espiritualista objetiva a felicidade do homem, na sua condição de ser eterno, preexistente ao corpo e a ele sobrevivente, buscando o “reino de Deus”, o regozijo celeste, a plenitude. No entanto, o primeiro efeito que deflui da atitude espiritualista assumida pelo homem, é a sua transformação moral. Nota-se-lhe a mudança de comportamento, fazendo que a sua conduta se caracterize pela força da convicção que esposa interiormente. De outra forma, a nova postura não lhe passa de um adorno sem qualquer finalidade útil e sem maior propósito de elevação.

O Espiritismo, na hora própria, veio utilizar-se dos instrumentos do saber para, examinando os efeitos — os fenômenos produzidos pela mediunidade — remontar-se-lhes às causas e encontrar o agente pensante e eterno que se procurava comunicar, a fim de conclamar o homem a uma mudança

comportamental profunda, estabelecendo, na Terra, o primado do espírito e a realidade do próprio ser.

A Ciência deu os instrumentos para a comprovação do fato. A Filosofia nasceu para elucidar as questões do sobrenatural, do miraculoso, e oferecer uma visão otimista de como viver a experiência terrena. A Religião Espírita, porém, vem moldando o ser nas suas várias reencarnações, através do código que fulgura no Evangelho de Jesus.

Incorporar essa conquista extraordinária, é dever do homem que se abebera do Espiritismo. Viver estes postulados de alta competência, é compromisso que cada qual deve firmar, para tornar-se diferente daquele ambicioso negociador do materialismo, que esperava diluir a consciência no desmantelamento das células. Por isto mesmo, a responsabilidade da conscientização espírita é da maior importância na construção de uma sociedade nova, nobre, justa, equânime, solidária, portanto, cristã.

Cada espírita não se pode permitir o luxo nem o direito de delinquir, de considerar-se fraco, de facultar seus equívocos tradicionais, porquanto, a sua é a consciência da verdade, qual diamante lapidado a fulgir nos sentimentos e a refletir as claridades diamantinas da vida.

Nesse trabalho, que é o da renovação do homem, perante o mundo, para a transformação do mundo, em favor de um homem melhor, empenhamo-nos todos, encarnados e desencarnados, que fazemos do Espiritismo o nosso fim, na postura de Consolador, mas, sobretudo, de libertador de consciências, em nome dAquele que veio para doar e doar-se, para amar e ser vitimado, permanecendo como protótipo do amor ideal, que é o padrão para as nossas necessidades.

FLAGELOS OBSESSIVOS

É flagelo que irrompe, avassaladoramente no atual organismo da sociedade. Através de síndromes sutis, de características extravagantes, de fenômenos de constrição da personalidade, de injunções deficitárias do ânimo, originam um quadro que pode ser classificado como alguma das enfermidades conhecidas. Não obstante, a cada momento, pessoas invigilantes tombam na urdidura desse terrível mal, que assola com volúpia destruidora as vidas.

Desejamos referir-nos à obsessão.

Nas suas características especiais, a obsessão, neste caso, é o fenômeno constritor de uma personalidade sobre outra, diminuindo as resistências da sua vítima, ou alterando-lhe o comportamento na sua estrutura. É óbvio que não desejamos generalizar toda loucura como de psicogênese obsessiva, porém, reciprocamente, não desejamos também afirmar que apenas a catalogação das patogêneses da loucura respondam por todas as alienações mentais.

De início surge como uma idéia que tenta alojar-se

na mente e que logo se transforma num campo de batalha, alongando-se para a área da emoção.

Fatores fenomênicos do comportamento psicológico abrem-lhe espaço para que se instale a luta sem quartel. Compressões, instabilidade emocional, cansaço, desestrutura psicológica, fobias, dificuldades econômicas e outras facultam que se agasalhem as idéias depressivas ou se dêem campo às alucinações visuais, auditivas, estabelecendo-se a persistente perseguição do ser desencarnado, que passa a coabitar no departamento mental e no campo emocional da sua vítima.

Com procedência nos débitos de outras encarnações e também geradas, muitas vezes, no atual périplo evolutivo do homem, as razões da vindita estão ínsitas no espírito perseguidor, que identifica, por afinidade, aquele que lhe afligiu oportunamente e a quem não consegue perdoar.

Começada a sandice, esta alarga-se no tempo, tomando espaços da vítima até à consumpção geral, na área mental ou em outros departamentos orgânicos através de processos enérfimos que se alargam, impiedosos, por anos a fio.

A terapia, no entanto, está a depender dos pacientes que começam a desintegração da personalidade.

Por se tratar de uma força inteligente atuando, é necessário que se formule um plano também inteligente de defesa.

Nele, a irrestrita confiança em Deus deve constituir o ponto principal da terapia libertadora. A seguir, a conduta moral esclarecida e saudável, para melhorar o padrão vibratório do paciente que se desloca das injunções do seu perseguidor; a paciência, que irrita aquele que se compraz no constrangimento e na desdita do ser perseguido; a oração e a leitura edificante que ampliam para melhor os painéis da mente, arrancando a idéia obsidente e extravagante, à qual a pessoa parece ter prazer de

entregar-se, em razão de as suas resistências se apresentarem fragmentadas.

Ainda como recomendação terapêutica, nunca se devem esquecer o trabalho do bem, os exercícios que produzam transpiração, ao invés do amolentamento do caráter, que favorece o aprofundamento das raízes obsessoras, a minarem a *árvore* do equilíbrio psico-físico.

Normalmente, os pacientes das obsessões informam estar reagindo com todas as suas forças. A verdade, porém, é oposta. Mantêm apenas frágeis arraiais de resistência que logo tombam, cedendo lugar ao insidioso e pertinaz cerco para a destruição das reservas morais do enfermo.

Cada vez se toma mais urgente a fluidoterapia, mediante a qual se restabelecem os centros de forças ultrajados e se recondicionam as vibrações do perispírito vitimado, que passa a gerar novas fontes de equilíbrio para restaurar no corpo, na mente e na emoção, o estado de saúde.

Inadiável que todos aqueles que se encontram susceptíveis de fenômenos obsessivos — e são quase que todos os homens — precavenham-se, na ação da caridade, na usança da higiene mental, mantendo e realizando os propósitos superiores de vencer-se e vencer o desiderato da reencarnação.

Somente quando o homem se resolva por adotar um estado consciente de saúde mental e de realização espiritual íntima, a obsessão, flagelo cruel da sociedade, cederá lugar à fraternidade que deve vigor entre encarnados e desencarnados, estes últimos, conscientizados da bênção de reencarnação, e os primeiros, reconhecendo os erros nos quais incidiram, dêem-se as mãos para a ajuda recíproca, trabalhando na Terra o reino da esperança, onde todos poderão viver como verdadeiros irmãos que o somos, sob a Divina Providência da Paternidade de Deus.

A CONQUISTA REAL

Numa análise abrangente da história, da cultura dos povos e das civilizações do passado encontramos sempre o homem erigindo as suas cidades e nações sobre os escombros dos vencidos. A guerra e a rapina sempre estiveram de mãos dadas, justificando-lhe a prepotência destruidora.

Os monumentos de grandeza que ainda hoje deslumbram, foram realizados pelo egocentrismo e volúpia das paixões daqueles que dizimaram milhares de vidas, que lhes tombaram como galés, ou escravos outros que vieram de fora sob o jugo das batalhas sanguissedentas, nas quais estes déspotas amealharam fortunas colossais que, no entanto, passaram de suas mãos, e, hoje, algumas

dormem reunidas nos museus para a contemplação dos pósteros.

As reminiscências da História os apresentam, invariavelmente, como dominadores arbitrários, vítimas da ganância, na condição lamentável de lobos devoradores de homens...

Com o progresso da Ciência, que alargou os

horizontes da Terra pelas mãos da Tecnologia, o passo das avançadas conquistas ainda não se faz caracterizar por menores arbitrariedades, nem por mínimas razões de respeito à criatura humana ou à Natureza.

Não obstante os avanços da biologia e da genética, da agricultura e da cosmologia, da física e das matemáticas, nas suas expressões mais complexas, ainda hoje estamos diante de um painel de dores que nos faz corar de constrangimento e angústia, em considerando a imensa mole humana que padece abandono, fome e enfermidade, condenada à morte pelo egoísmo de uns poucos nos pequenos como nos grandes países desditosos, consumidos por ditaduras e guerrilhas devastadoras...

Ao lado desses males, a prevaricação dos valores éticos nas chamadas sociedades desenvolvidas, permite que o homem, nas áreas biológica e genética pretenda tomar-se *Deus*, produzindo seres humanos fadados ao bem e destinados ao mal, utilizando-se dos semens de gênios ou de degenerados, armazenando-os em depósitos, como se a criatura não passasse de um artefato para ser manipulado pelas paixões dos governantes ensandecidos.

Por outro lado, a tecnologia desatinada, na ambição de amearhar valores amoedados e conforto em exagero, não procurou prevenir-se dos danos, por ela mesmos causados, na fissão nuclear, que fomentando o progresso produz também o lixo atômico, destruidor, em ameaça de aniquilamento da vida terrestre.

Outrossim, o descontrolado uso dos aerossóis e diferentes substâncias químicas fenderam a camada de ozônio protetor do planeta, enquanto chuvas ácidas vêm dizimando, sistematicamente, as florestas setentrionais, matando a flora, arriscando a fauna, com a extinção de vários espécimes, ao tempo em que outras florestas são derrubadas pela ganância imobiliária, pelo mercado madeireiro infame, graças a cuja conduta os pulmões terrestres cedem lugar às poluições nefastas que invadem

os rios e os mares, ameaçando a vida, e, por extensão, o próprio homem.

Não bastassem a alucinação armamentista — que em boa hora alguns homens, nobres e sensatos, pretendem diminuir — e a ganância, o despautério e o egoísmo armam novos engenhos de ameaças à criatura tresvairada sobre a face do planeta.

Como efeitos imediatos de tais procedimentos, a onda de loucura que grassa, os vírus não identificados ainda, que trazem enfermidades desconhecidas, os desequilíbrios da conduta e as cargas resultantes das pressões psicológicas, atmosféricas, comportamentais, parecem lavrar oatestado de óbito da civilização contemporânea.

Embora todo esse vaticínio de natureza pessimista que ensombra a inteligência e coloca em ruínia as grandes construções do pensamento hodierno, abrem-se os canais de esperança quando as multidões se levantam para defender o verde das florestas e a limpidez dos mares e dos rios, a despoluição gradativa da atmosfera, a retificação da camada de ozônio, o cessar das chuvas ácidas, por constatarem que a mais urgente despoluição é a de natureza mental e moral responsável pelas outras, que lhes são consequências.

No homem, encontram-se em germe os valores da grandeza e da miséria ancestrais.

A plena conscientização da sua fatalidade histórica, que é a felicidade, impulsiona-o a sair das sombras por onde rasteja para as admiráveis estradas de luz que o aguardam, renovando a face generosa da terra-mãe e ajudando-a a alçar-se à condição de mundo regenerador no qual a plenitude se estabelecerá.

Despertem, pois, os homens de fé; proclamem a necessidade de uma mudança comportamental no mundo; inspirem os valores de engrandecimento; vivam os ideais que preconizam; alarguem os horizontes do otimismo trazendo a fama do ideal do Cristo inscrita com as admiráveis letras do amor, para que, em breve, a Terra venha preencher a finalidade para a qual foi projetada no espaço pelo inefável amor de Deus...

Todos os danos são ainda reparáveis, todos os males transitórios podem ser recuperados se o homem, consciente da sua responsabilidade, resolver-se por uma mudança de atitude, que o Cristianismo restaurado no Espiritismo lhe propicia, graças à generosa oferta de Jesus-Cristo, o Grande Terapeuta que, desde há dois mil anos, tenta restabelecer em nossas consciências o sublimado *reino de Deus*, que se espalhará por toda parte.

A todos nos compete, deste modo, a indeclinável tarefa de realizar a conquista real, que é de iluminação íntima, não cedendo espaço às Parcas do pessimismo, nem aos fomentadores dos crimes que se instalam nos corações, erguendo muralhas contra a delinquência e abrindo caminhos para a honradez.

Mesmo que nos custe, momentaneamente, o esforço da renúncia e do sacrifício, ou se nos exija a abnegação total, apliquemos as nossas reservas, de coragem e de valores morais, na implantação de uma era melhor que fruiremos mais tarde, quando do nosso retorno à nova Canaã, que será a Terra, conforme a visão das velhas tradições proféticas.

TERAPIAS ALTERNATIVAS

A cultura hodierna, saturada pelas complexidades tecnológicas e vitimada pela loucura que assola o mundo arrebanhando multidões de incautos, volta-se para uma análise mais profunda do homem, recorrendo às experiências multimilenárias das gerações transatas, a fim de auxiliá-lo na preservação da saúde.

Penetrando a sombra da investigação no organismo humano constata que o envoltório material é somente um traje sujeito a causas que o transcendem, quando negativas nele produzem resultados que se expressam como desarmonias e enfermidades que o desgastam, levando-o à transformação prematura mediante o fenômeno da morte.

Identificando no espírito ou *self* a realidade primeira e indestrutível, responsável pela vida inteligente, nesse ser descobre os fatores de real importância para a vigência do equilíbrio.

Essencialmente, a saúde representa uma síntese de conteúdos emocionais, orgânicos, psíquicos e sociais que trabalham em harmonia, produzindo um bem-estar geral.

O desfuncionamento da emoção — irritabilidade, gula, orgulho, insatisfação, cólera, ciúme, ambição — traduz-se em enfermidades graves dos aparelhos digestivos e respiratórios, dando origem a úlceras gástricas e duodenais, irregularidades hepáticas e perturbações cardíacas. Infecções bacteriológicas oportunistas logo se instalam nesses campos orgânicos em desajustamento, dominando o sistema imunológico susceptível aos bombardeios mentais que lhe perturbam as defesas.

Simultaneamente, o comportamento ambíguo — uma conduta íntima ou oculta reprochável e uma apresentação pública, externa, saudável — termina por afetar o sistema nervoso, desarticulando-lhe os delicados mecanismos, que dão lugar a estresses, ansiedades e medos, perda de identidade, e a vários outros conflitos psicológicos que abrem espaços para inúmeras outras enfermidades.

Uma análise sem o conhecimento das causas, de forma alguma, faz cessar, seja qual for a terapêutica aplicada, o sofrimento que às doenças proporcionam.

O homem, portanto, deve ser considerado no seu todo e não abordado apenas em qualquer uma das suas partes. Sem a conveniente identificação da sua realidade intrínseca, baldos são os esforços curativos, que não erradicando as gêneses, de forma alguma fazem desaparecer os efeitos perniciosos.

O estudo cuidadoso da individualidade humana, e, por extensão, da personalidade, é o caminho para uma terapia eficiente. Nessa anamnese, o terapeuta deixa de ser um aplicador de drogas, para tornar-se um amigo do enfermo, dispensando-lhe atenção, amor e compreensão dos seus conflitos, ao mesmo tempo ênulando-o à tomada de uma nova e saudável atitude perante a vida.

Psicoterapeuta solidário em qualquer patologia, todo aquele que se envolva com as áreas da saúde e do comportamento, deve trabalhar com os valores metafísicos e psicológicos, sempre essenciais no homem, oferecendo segurança e contribuindo para a revitalização dos centros da energia responsável pelo equilíbrio *total*.

É de vital importância, nesse trabalho, o *conhecimento do paciente*, suas *reações e conduta*, seu *desejo de recuperação*, sem o que falham as terapêuticas aplicadas, por *mais* vigorosas *sejam*.

Variando, embora, as terapias alternativas ao alcance geral, todas são unânimes em proclamar indispensáveis, para o logro da saúde, a reforma última do paciente, seu desejo *de* integração no todo harmônico, compreendendo o

inter-relacionamento existente em todas as coisas e entre todos os seres.

Nesse sentido, a Doutrina Espírita contribui valiosamente para que o homem encontre o seu rumo, acenando-lhe e comprovando-lhe a imortalidade do espírito e o intercâmbio que se observa entre os homens e com os desencarnados, gerando saúde ou doença, de acordo com os níveis de evolução que se inter-relacionam.

A mente, na sua função de fonte de vida, quando aspira as emoções do belo, do nobre e do bom, irradia vibrações que alcançam faixas e seres elevados, sendo o oposto igualmente verdadeiro nas suas funestas consequências.

Todos vivemos num universo no qual predominam ondas, pensamentos, vibrações e mentes em contínuo intercâmbio, decorrente da *lei de sintonia*, que produzem *iguais* consequências, particularmente por ser a Terra uma *escola de* experiências iluminativas mediante a dor, havendo prevalência das faixas mais grosseiras, na sensação, no egoísmo com todos os danos que lhes são defluentes.

As terapias alternativas, movimentando o homem global, constituem a grande esperança para a saúde, sem qualquer desprezo pela Medicina acadêmica, tradicional que, igualmente, mais e melhor se equipa de conhecimentos e conclui pelo homem integral em detrimento do conceito de Engels, de Marx e dos *niilistas*, que apenas na matéria, vêem a realidade única e última da vida, acreditando que após a demorada anóxia cerebral nada mais restará da inteligência, e que através da morte advém o fim da vida.

Os novos rumos terapêuticos ora apresentados pela Medicina, em uma visão mais ampla, confirmam o homem espiritual e eterno, mergulhado no incessante rio do progresso, graças ao mecanismo das reencarnações que o depuram e o elevam.

EUTANÁSIA, NUNCA!

Seja qual for a razão pela qual se pretenda interromper uma vida humana, justificativa alguma será aceitável, na área da eutanásia.

Por mais longa e dolorosa a enfermidade, ninguém se pode arrogar o direito de, em nome da piedade fraternal, aplicar a terapia do repouso sem retorno.

Mesmo que o paciente, parecendo exausto de sofrer, solicite e autorize a medida extrema, nunca será direita a aplicação do recurso último.

Apesar de esperança alguma restar para a recuperação do enfermo, no largo trânsito de uma vida vegetativa, irreversível, diante de uma família desgastada pelas longas vigílias, não se faz moral a usança da técnica de encerramento da vida...

A eutanásia é crime que um dia desaparecerá da Terra, quando a sociedade crescer em valores morais, fundamentados nas realidades do espírito.

Somente uma cultura primitiva, porque bárbara ou semi-bárbara, aplica os recursos da interrupção da vida,

exatamente por desconhecer os comportamentos morais relevantes.

Também medram tais atitudes em homens de formação deficiente, estribados nos extremos do materialismo, que apenas no corpo encontram a legitimidade da vida. Ignorando ou teimosamente negando a realidade espiritual, pensam que na cessação das expressões fisiológicas encerra-se o ciclo da existência humana, apaga-se a claridade da inteligência, somente por causa da fragilidade e pouca duração dos implementos que constituem a maquinaria física.

Enfermidades que antes representavam calamidades; distúrbios orgânicos e psíquicos, que no passado se revelavam irrecuperáveis, problemas de saúde, que eram verdadeiras desgraças coletivas ou individuais; epidemias que varriam a Terra, periodicamente; males mutiladores e dolorosos, que se instalavam em milhões de criaturas; desequilíbrios orgânicos e mentais que a todos assolavam, cruéis, são, hoje, lembranças do processo de evolução das Ciências Biológicas e Médicas, que conseguiram apagá-los das páginas da História contemporânea, constituindo capítulo arquivado na literatura da Medicina..

A cirurgia abriu portais jamais ultrapassados; a terapêutica preventiva e as medidas sanitárias, o tratamento especializado com métodos de alta sofisticação, as técnicas imunológicas, vêm ganhando muito espaço nas “terras de ninguém” no que diz respeito às doenças lamentáveis.

Outros recursos sociológicos, educacionais, econômicos, aumentam as valiosas contribuições da Medicina para alongar a estância carnal, quanto à duração da vida humana na Terra...

É certo que ainda faltam muitas realizações a serem ganhas.

Descobrem-se novas enfermidades, porque a diagnose imperfeita do passado as encaixava em quadros outros que não correspondiam à realidade.

Aí estão, assustadoras, ceifando vidas, com outras designações.

Sem embargo, a batalha está travada com cientistas e pesquisadores que canecem e sacrificam as horas nos laboratórios e gabinetes de estudos, esforçando-se por vencê-las, o que lograrão, sem dúvida, hoje ou mais tarde, quando o homem já não necessitar de evoluir sob o látigo da pedagogia do sofrimento, como ocorre nestes dias...

As enfermidades são resultado do estágio primevo da evolução em que a Terra se encontra.

Por isso, realizam o seu mister invitando a criatura ao estudo da fragilidade carnal, de modo a entender e respeitar-se como ser espiritual que é, em aprendizagem temporária na escolaridade terrena.

Cada instante da vida de um paciente é-lhe valioso, porque lhe pode constituir chamamento para despertar os sentimentos mais elevados, dando-se conta dos objetivos essenciais da existência.

Outrossim, os sucessos felizes ou inditosos que têm curso nas vidas, são efeito inevitável dos atos pretéritos realizados nas reencarnações passadas.

Este homem, hibernado numa tremenda alienação mental, é antigo déspota que se utilizou da vida para infelicitar e afligir, ora expiando em injunção educativa os delitos perpetrados...

Esse padecente, em torpe imobilidade, com os centros mentais e motores lesados, é anterior suicida que pensou burlar a Lei, evadindo-se dos compromissos que assumira e que não quis sofrer...

Aquele portador de cruel neoplasia maligna com metástase generalizada, em extremos de desespero, é o alucinado destruidor de vidas, que culminou a existência antiga em autocídio espetacular, e que ora resgata, repassando pelos caminhos antes percorridos com a insânia do orgulho e da prepotência...

Todos eles, ressalvadas algumas exceções de abnegados missionários que se entregam à dor para ensinar aos seus coevos como superá-la, os que experimentam largos desgastes na saúde estão em justo mecanismo reparador, de que, resignados e humildes, liberar-se-ão, demandando a paz e a felicidade que todos alcançaremos.

Ninguém está condenado irremissivelmente, que não usufrua as bênçãos da harmonia, quando regularizado o compromisso no qual fálhou.

E de alta importância a libertação pela dor ou através do sacrifício, do bem que se pode produzir, do amor.

Não cabe, portanto, a ninguém, o direito de fazer cessar o processo do sofrimento por meio da eutanásia, mesmo porque a morte do corpo não anula o fenômeno da necessidade específica de cada um, nos múltiplos estágios do crescimento espiritual.

A morte apenas desveste o corpo, sem modificar a estrutura da vida.

Aqueles que pensam driblar a Justiça Divina, fugindo ou sendo expulsos da matéria, despertam, no além-túmulo, mais sofridos e alienados e retomam à Terra para darem curso à reabilitação, em corpos iguais ou menos aparelhados do que aquele de que se supunham liberar..

A vida—na matéria ou fora dela—é indestrutível, já que o espírito transita pelo corpo ou sem ele, sem entrar ou sair da realidade intrínseca onde se encontra colocado no Universo.

Amar e atender aos pacientes com carinho, envolvendo-os em vibrações de paz, orando por eles, aplicando-lhes recursos magnéticos de que todos dispõem são as atitudes corretas que a consciência cristã e espírita deve aplicar em quaisquer situações em que se encontrem, na condição de familiar ou facultativo, de amigo ou de companheiro, na enfermagem ou no serviço social...

Eutanásia, nunca!

COMPORTAMENTO ESPÍRITA

O primeiro e mais imediato efeito da adoção das diretrizes da Doutrina Espírita é a transformação moral do homem, que serve de base para a sua constante renovação interior, comandando-lhe as atitudes e comportamentos.

Com muita justeza, Allan Kardec situa, na transformação do homem, o efeito positivo do Espiritismo, porque, elucidando a gênese dos problemas que afetam o indivíduo, simultaneamente oferece os recursos para equacionar as dificuldades de qualquer natureza, que produzam aflição e desequilíbrio.

Doutrina da responsabilidade pessoal, conscientiza a criatura dos deveres para com a vida e dos resultados que defluem dos seus próprios atos, sendo, ele próprio, o semeador e o colhedor da gleba que lhe diz respeito.

Não poderia, desse modo, ser diferente.

Penetrando as suas sondas no “mistério” da morte, demonstra e comprova a sobrevivência do espírito, elucidando quanto ao prosseguimento da vida com os efeitos da conduta adotada enquanto na Terra.

De imediato, através da reencarnação, aclara os aparentes enigmas em tomo da Divina Justiça, propiciando a reabilitação dos incursos na severidade das Leis Soberanas e favorecendo-os com as oportunidades de conquistarem méritos pela ação do bem e do amor, que o liberarão da canga da escravidão e do jugo do sofrimento exacerbado.

Estruturado na moral evangélica, ensinada e vivida pelo Cristo, enseja uma ética de paz e fraternidade consciente, em direção ao amor sem fronteira nem limite, mediante o que se unirão todos os homens um dia não muito distante.

Ademais, favorece com uma visão otimista, por considerar que a fatalidade inamovível é a perfeição que todos lograrão a esforço pessoal, sob a inspiração do Pai.

Para conseguir-se, no entanto, essa convicção geradora de salutaresefeitos morais, é imprescindível o estudo da Doutrina, com aprofundamento mental dos seus postulados.

Referimo-nos a estudo, em razão de que uma simples olhadela nos seus livros básicos ou uma leitura superficial, ocasional, podem ser consoladoras, para o momento da aflição, nunca, porém, suficientes para uma real mudança de óptica sobre a vida, afetando o comportamento, que se deve renovar, mudando de expressão.

A adoção do Espiritismo faz-se revelada, quando o indivíduo é de caráter rebelde e toma-se dócil; agressivo e faz-se gentil; tirano e modifica-se para compassivo; avaro e passa a ser generoso; maledicente e adota a compreensão; intolerante e transforma-se em piedoso; atrabiliário e converte-se em equilibrado; perturbador e apresenta-se pacificado...

Quando consegue sair da faixa das depressões para o otimismo; do medo para a confiança; do ódio para o amor; da vingança para a solidariedade; da violência sistemática para a fraternidade; do orgulho para a humildade...

Quando a confiança substitui a suspeita pertinaz; a esperança toma conta da paisagem da dúvida; a alegria sem exagero sobrepõe-se à tristeza causticante; a prece revela-se um hábito em lugar da blasfêmia ou da revolta surda...

Quando a doença de qualquer espécie deixa de ser uma desgraça para converter-se em processo de purificação e os problemas em geral recebem lentas, mas, seguras, soluções reais, aquelas que lhes vão às nascentes, impondo terapia de paz e alegria.

Quando a morte de um ser amado não representa um infortúnio

traumatizante, antes sendo uma libertação que traz conforto e serenidade.

Já não ressuma vibrações deletérias, antes habituais, porém, atrai com magnetismo benéfico, irradiando bem-estar que aos outros contagia.

Confia em Deus, sem misticismo pernicioso, e age com perseverança, na mesma postura, seja no júbilo ou sob dificuldades, mantendo a mesma positiva insistência no bem.

Silencia o mal e não o vitaliza; acolhe a perseguição e não revida; entende cada qual no estágio em que se encontra, conforme suas conquistas morais, sem impor-se; libera aqueles que lhe compartilhem a vida sem a mesquinhez do domínio enganoso; sofre, porém não desanima, mesmo quando outros desertam.

E, em suma, feliz, sem embargo as conjunturas naturais que defronte.

Não deixa de ser uma criatura comum, é certo, facilmente confundida na multidão, abençoada, entretanto, pela harmonia íntima e pelo amor que esparze.

Superando as imposições materiais, vive para o espírito, embora sua conduta social e humana seja correta e louvável.

Torna-se respeitável sem exigir respeito e mesmo que lhe atirem o lodo do sarcasmo e do ridículo, não é afetado, permanecendo de propósitos inalteráveis, no prosseguimento dos deveres abraçados mediante os quais se depura e eleva.

O comportamento espírita do homem que aderiu à Doutrina espírita reflete a sua convicção, revelando se se trata de um adepto sincero ou de um simples beneficiário da mensagem que, não obstante, impermeável não se deixa impregnar da excelência moral de que o Espiritismo faz-se depositário.

HORA DA DIVULGAÇÃO ESPÍRITA

Na gênese dos males que afligem o homem e a Humanidade, permanece a ignorância.

Seja por desconhecimento da verdade ou se expresse em forma de desprezo por ela, a ocorrência é a mesma.

O único antídoto eficaz e mais imediato para esse mal é o ensino, que acende a luz do discernimento com que o homem descobre e adota os princípios hábeis para a felicidade, mediante os comportamentos coerentes em relação à vida.

A dor, irrompendo devastadora, no organismo individual ou social, é uma metodologia rápida para o despertar da consciência, terapêutica promotora de revolução grave, que traduz a mudança de atitude, renovando as paisagens íntimas sob o clamor da afeição, linguagem de momentâneo efeito, que predispõe para o conhecimento libertador.

O amor, em doação espontânea, promove os fatores que ensejam a abertura do sentimento e da razão para o saber, através do qual se logram os valiosos tesouros para a conduta equilibrada.

A fome, a enfermidade, a carência de recursos financeiros sensibilizam, convidando-nos ao auxílio.

Na matriz, porém, dessas afligentes conjunturas, jaz a ignorância das Divinas Leis, desrespeitadas por precipitação ou má fé, nos vários estados de rebeldia galvanizadora.

Na etiopatogenia das alienações de natureza psiquiátrica ou por obsessão, está viva e atuante a ignorância, que aguarda a terapia do esclarecimento, como medida de socorro imediato para posterior ou simultâneo atendimento que favoreça a libertação.

O conhecimento é luz acesa na noite da ignorância, clareando os rumos.

A Doutrina Espírita, porque representa a mais completa expressão do divino pensamento, que pode ser examinado e vivido pela razão, não deve enclausurar-se em chavões ultrapassados, aprisionando-se em limites que atendam a paixões e “pontos de vista”, por mais respeitáveis se apresentem.

Doutrina de livre exame, também o é de livre ação, convidando cada consciência a assumir responsabilidades, após iluminada pelo ensino espírita, de cujos resultados responderá, hoje ou depois, sem mecanismos de evasão, nem justificações urdidas por meio do maquiavelismo de qualquer natureza.

Há muita angústia aguardando a contribuição espírita, e muita *loucura* necessitando de socorro espírita.

Todos os nobres contributos lavrados na Codificação Kardequiana — vigamestra, inconfundível e indispensável, do edifício do Espiritismo — independentes da ação de grupos ou consensos humanos, são de valiosa e urgente necessidade de aplicação.

Obviamente, a ação em grupo, o trabalho em equipe, resultando da permuta de experiências como dos estudos bem dirigidos, torna-se de alto significado.

Todavia, não somente através de tal metodologia, senão, também, pela atividade individual, abnegada e rica de devotamento de cada espírita.

O apóstolo Paulo encontrou Jesus, e, não obstante sofrendo as suspeitas da grei, doou-se à tarefa do esclarecimento e da iluminação de consciência, até à morte, já então amado pelos companheiros, escrevendo com sabedoria e renúncia a história da doutrina cristã nas paisagens ermas dos corações e das terras que percorreu...

Pedro levantou-se do delíquio moral da negação, saindo a ensinar e a viver o Cristo, tornando-se o maior exemplo de fé viva do colégio galileu, que conheceu e viveu com o Mestre...

Allan Kardec, sofrendo calúnias e acusações indébitas, permaneceu fiel aos ditames das “Vozes dos Céus”, trazendo à Terra o *Consolador*; sem excogitar da conveniência de pessoas ou de grupos que o apedrejaram e feriram com todas as armas da covardia e da inveja, fazendo o legado do Pentateuco insuperável e sempre atual, porque elaborado com os metais da verdade, trabalhados no fogo da dedicação e do sacrifício integral.

Não há, portanto, por que malbaratar-se recursos nem desperdiçar tempo, enquanto os desafios permanecem vitimando e destruindo vidas.

Todos os espíritas sinceros, estudiosos e afeiçoados ao bem, encontram-se convocados para o ministério do auxílio, através da difusão dos postulados espíritas, que, propiciando perfeito entendimento das lições evangélicas, representam a medicação oportuna e urgente para a massa desesperada, o homem aturdido...

Sem complexidades nem estruturas estapafúrdias, trabalhem na sã divulgação do Espiritismo.

Não basta apontar erros. Indispensável saná-los.

Muito cômodo é estabelecer e impor diretrizes para os outros. Urgente, no entanto, vivê-las.

Fácil é condenar e agredir. O desafio, porém, é mudar a situação.

O conhecimento espírita objetiva reformular as atuais conceituações e transformar as estruturas vigentes, facultando felicidade às criaturas, sem o que perde a finalidade.

Esta é, por consequência, hora de decisão espírita.

Uma página espírita breve é carta de alento ao homem em depressão.

Uma palestra espírita é classe de otimismo e ensino para a ignorância em

predomínio.

Um livro espírita é curso de profundidade para despertar e conduta dos que se atêm no desconhecimento dos valores e da oportunidade da vida.

Uma conferência espírita é fecundo veio aurífero de informação e roteiro, ao alcance de quem pensa.

Um debate espírita é intercâmbio de esclarecimentos com que se reformulam conceitos.

A ação espírita, em qualquer lugar, é vida nova, atraente, chamando a atenção para a liberdade e a saúde.

Firmar-se no contexto da revelação espírita para ensinar e informar é fundamental, nos momentos que vivemos.

Na hora da Informática com os seus valiosos recursos, o espírita não se pode marginalizar, sob pretexto pueris, em que disfarça a timidez, o desamor à causa ou a indiferença pela divulgação, porquanto o único antídoto à má Imprensa, na sua vária expressão, é a aplicação dos postulados espíritas, hoje ainda ignorados e confundidos com as superstições, crendices, sofrendo as velhas conotações infelizes com que o caluniaram no passado, aguardando ser despojado das mazelas que lhe atiraram os frívolos e os déspotas, os fanáticos e os de má fé, quanto os que se apoiavam nos interesses subalternos, inconfessáveis...

Hora de mentalidades abertas às informações de toda ordem, este é o nosso momento de programar tarefas, fomentar a divulgação por todos os meios, tornando-se cada companheiro honesto e dedicado, nova “carta-viva”, para a estruturação de um homem melhor, portanto, de uma sociedade mais justa, uma humanidade mais feliz.

Caridade para com o Espiritismo é dever de todos que nele haurem paz e vigor, sendo nossa maneira de exercê-la, divulgá-lo, levá-lo à ignorância e àqueles que sofrem a férrea prisão, sem desânimo nem tergiversação de nossa parte. (1)

VIAJADOR DO INFINITO

Quando funcionando com saúde, o corpo é constituído de equipamentos harmônicos que contribuem com parcelas exatas a fim de que a ordem se encarregue de preservar-lhe a estrutura. Não obstante organizado para um ministério de curto prazo, a sua efemeridade abre-lhe ensejo para as transformações a que está sujeito pela própria condição de instrumento e não de causa.

À semelhança de uma orquestra sinfônica, todos os componentes cooperam com eficiência para a sublimidade das melodias que devem executar.

A sua morte decorre da violência que lhe irrompe nos diversos departamentos, sob a invasão microbiana deletéria que procede de inumeráveis fatores, oriundos da inarmonia, dos traumatismos ou da debilidade das funções que se desconcertam, gerando problemas que lhe facultam a degeneração.

Podemos afirmar que a saúde é atendida pelas virtudes que a irrigam de energias vitalizadoras para as suas funções, enquanto o desajuste é efeito da predominância do erro, antes chamado pecado, que lhe envilece

as fibras e desarticula os mecanismos delicados responsáveis pela sua manutenção.

Certamente que há exceções respeitáveis a considerar.

A ingestão emocional dos *vapores* morbíficos desses erros, ou violências contra os seus equipamentos, encarrega-se de perturbar-lhe as elevadas funções, favorecendo as transformações que apressam o estado de cadaverização em que se consome e se altera...

O clima idealista superior fortalece-lhe os arquipélagos celulares, contribuindo para a sustentação das finalidades a que se destina.

Da mesma forma, a vida do espírito depende da vitalidade dos pensamentos que são elaborados e mantidos. Quando positivos, produzem energias que percorrem os seus campos vitais e preservam-lhe as forças que devem ser aplicadas em favor das metas eternas que persegue. Se, por outro lado, irradia vibrações mentais destrutivas, desajusta-se, entorpecendo os núcleos vitais e passando a um estado de morte, que lhe constitui lamentável quão desnecessário padecimento, que somente supera à imposição de reencarnações aflitivas, ao largo do tempo.

Dínamo gerador de força para a movimentação do corpo, o espírito é o agente da vida pensante, que permanece o mesmo, quando se alteram e transformam os mecanismos da organização fisiológica.

O corpo reflete as ocorrências do ser espiritual que o comanda. Conscientizar-se, deve o homem, da transitoriedade de um, como da perenidade do outro, abrindo espaço para a reflexão ponderada sobre a vida e a alta significação da sua atual presença na Terra no veículo físico.

Fadado à felicidade, à perfeição que lhe será uma plenitude dinâmica, pode realizar o cometimento de um só jato, empenhando a vontade e o esforço ou demorando-se nas incoerentes experiências do *erro* e do *acerto*, das *provas* e *expiações* que o depuram, não se podendo evadir, porém, dessa destinação gloriosa que é a própria vida estuante, em cujo oceano se encontra mergulhado.

O espírito é, pois, a fonte da vida, e o corpo é-lhe o instrumento de temporária manifestação no mundo sensorial.

Aquele passa e vive sem o último, o mesmo não ocorrendo com este, sem a presença do outro.

Mergulhando o pensamento nas reflexões e análises da sua existência, dar-se-á conta, o homem lúcido, que tudo deve empenhar a fim de crescer

intimamente e conquistar os ideais que, por enquanto, apenas fulgem na área dos sentimentos, engrandecendo-se com as sublimes claridades do conhecimento, sob a sustentação santificante do amor.

O corpo — esse conjunto de vidas a serviço da vida — merece respeito e zelo, dedicação e cuidados, de modo que tenha prolongados os seus dias de realização, vitalizado com as emanações do bem, a fluir incessantemente da usina mental que sedia o espírito, este viajor do tempo que ruma na direção do Infinito.

ROTEIRISTA SÁBIO

Mediunismo — mediunidade.

Espiritismo — Doutrina Espírita.

O mediunismo está espalhado por toda parte. Surge aqui e espoca adiante; aparece, agora, retumbante, para desaparecer, logo mais, desorganizado. *Cogumelo* psíquico, *explode* em todo lugar, quando se fazem propícias as condições.

A mediunidade espírita, no entanto, resulta do exercício correto do mediunismo sob a diretriz da Doutrina Espírita, como ponte vigorosa por onde transitam os viajores da Erraticidade, em comércio salutar com os homens da Terra.

Instrumentos do mediunismo apareceram em todo o Globo desde épocas imemoriais, através dos quais a vida imortal se tem revelado com toda a pujança.

Ainda agora, e a cada momento, o mediunismo arrasta multidões de admiradores curiosos em tomo do fenômeno psíquico, confirmando a imortalidade do espírito, produzindo sensação, mas somente isso.

A mediunidade, entretanto, disciplinada pelo esclarecimento do médium e conduzida pelo vigor evangélico, abre perspectivas indimensionais em torno da vida além-do-túmulo, com as consequentes diretivas morais e implicações sociológicas de alcance ilimitado.

Os primeiros são *portas* abertas de par em par ao abandono.

Os segundos são *portas* controladas com fechos de segurança.

Seus instrumentos são espíritos em prova, conduzindo débitos a resgatar, em forma de promissórias averbadas com datas definidas para regularização.

No mediunismo há fenômeno.

Na mediunidade disciplinada há roteiro.

O mediunismo é termo genérico para traduzir toda uma ordem de fenômenos entre encarnados e desencarnados, onde apareçam e como apareçam.

O mediunismo conduz ao Espiritismo ou Doutrina Espírita que “é a ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como das relações existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual”, como bem definiu Allan Kardec.

São as rotas morais e esclarecedoras que, sintetizadas na Codificação, evocam o Cristianismo primitivo, consoante Ele o postulou e o viveu, o qual, e somente ele, o Espiritismo, pode pôr dique às águas revoltas do desequilíbrio e da anarquia, que irrompem, caudalosas, ameaçando a estrutura da sociedade.

O mediunismo gera distúrbios mentais e emocionais de longo curso, porque, desregrado, a mercê da leviandade dos homens da Terra e dos espíritos irresponsáveis do além...

A mediunidade com Jesus é fator de saúde e elevação pelos impositivos que lhe oferecem a Doutrina Espírita

e pelas concessões defluentes do Evangelho de inapreciáveis benefícios para o médium e quantos dele se acercam.

O Espiritismo colima os objetivos elevados dos espíritos desencarnados, interessados no despertamento das consciências humanas para uma vida inteiriça de moralidade e sublimação, na qual, berço e túmulo representem apenas as portas de entrada e saída da experiência carnal — como realmente o são — no curso longo da perfeição.

E por esta razão que reverenciamos, em Allan Kardec, na Doutrina Espírita que ele nos ofereceu com sacrifícios incomparáveis, o Consolador, aquele Espírito de Verdade que viria, consoante a promessa de Jesus, esclarecer e guiar

os homens, para ficar na *Terra até a consumação dos evos*.

Notas

[←1]

A presente mensagem foi escrita com a participação do Espírito Hugo Reis. Nota do médium